

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Patrícia Pote Fonseca

Lisboa, fevereiro de 2018

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Patrícia Pote Fonseca

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre
em Educação Pré-Escolar, sob a orientação do Professor
Doutor José Maria de Almeida

Lisboa, fevereiro de 2018



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do/a Orientador/a

Orientador/a (nome completo)..... José Maria de Almeida

coorientador/a (nome completo)

tendo presente o Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvido pelo/a licenciado/a,

realizado no âmbito do Mestrado Profissionalizante (2º Ciclo de Estudos) em Educação

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrados do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório de Estágio apresentado pelo/a candidato/a.

Lisboa, 26 de fevereiro de 2018



Agradecimentos

A realização deste relatório resume-se a um trabalho com muita dedicação e empenho, representando a conclusão de uma grande etapa e o alcance de um objetivo que é muito importante para mim.

Todo o percurso foi marcado por muito trabalho, esforço, dedicação e muitos dias de cansaço. Porém, não teria conseguido aqui chegar sem a minha força de vontade mas essencialmente, sem o apoio e ajuda de muitas pessoas.

Antes de mais queria agradecer à Escola Superior de Educação João de Deus, particularmente ao Professor Doutor António de Deus Ponces de Carvalho, Diretor desta instituição, porque sem ele não teria sido possível frequentar e terminar o meu percurso escolar e também por me ter dado a oportunidade de contactar com a realidade educativa dos Jardins-Escolas.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor José Maria de Almeida, por todo o apoio, disponibilidade, ajuda e atenção que me deu, revelando sempre o seu conhecimento e profissionalismo.

A todos os professores e educadores que contribuíram para a minha formação profissional, com especial agradecimento aos professores da ESE João de Deus, pela disponibilidade e conselhos que sempre tiveram e deram.

Às minhas amigas da ESE João de Deus, Filipa Oliveira, Soraia Adão, Daniela Grilo e Sara Monteiro, um obrigado do fundo do coração por me terem ajudado a superar receios e dificuldades e pelo companheirismos e amizade ao longo de todo o meu percurso académico.

Aos meus amigos agradeço toda a força, motivação, compreensão e o carinho que demonstraram e por acreditarem sempre em mim.

Ao homem que esteve sempre comigo, tanto na licenciatura como no mestrado, que me ajudou como sabia, pelas palavras de incentivo, por ter acreditado em mim do princípio ao fim.

Por último, sendo o mais importante, um agradecimento gigante à minha família, pois o apoio foi incondicional e nunca deixaram que desistisse, mesmo quando eu passava por momentos menos bons. Essencialmente aos meus pais, pois sem eles não teria sido possível concretizar este sonho, estiveram presentes e ajudaram da forma que souberam e puderam.

Resumo

Este relatório de estágio profissional está dividido em 4 capítulos. No início de cada capítulo existirá uma pequena descrição do mesmo e, de seguida, são desenvolvidos os tópicos correspondentes a cada capítulo.

Antes da apresentação de cada capítulo, este relatório identifica a contextualização do Estágio Profissional, bem como a calendarização e cronograma de todos os momentos da prática pedagógica durante o Estágio Profissional.

No Capítulo 1, descrevemos e fundamentamos teoricamente 10 relatos diários das práticas observadas e realizadas. Dos 10 registos, 7 correspondem a práticas observadas com crianças entre os 3 e os 5 anos e as restantes 3 narrativas, dizem respeito a atividades realizadas por mim e/ou avaliadas pelas orientadoras da equipa pedagógica, bem como pelas educadoras titulares de cada grupo.

O Capítulo 2 corresponde à apresentação de 6 planos de atividades propostas por mim com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Nestas planificações constam os conteúdos que vamos abordar, a duração da atividade, as estratégias utilizadas bem como os recursos usados. As estratégias e os recursos utilizados durante a atividade serão fundamentados teoricamente.

No Capítulo 3 serão apresentadas 3 dispositivos de avaliação que utilizámos em 3 atividades realizadas com os diferentes grupos da Educação Pré-Escolar, bem como a análise dos resultados.

No Capítulo 4, está presente uma proposta de um projeto, elaborado por mim (Higiene Oral), à qual explico, através da metodologia de trabalho de projeto, várias atividades a realizar de modo a que as crianças melhorem a sua higiene pessoal, compreendendo, mais especificamente, a importância da Higiene Oral.

Por último, é apresentada uma reflexão final e as referências bibliográficas utilizadas para toda a fundamentação teórica do meu relatório de estágio.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar, Relatos diários, Prática pedagógica, Planificações, Avaliação e Trabalho de Projeto

Abstract

The present Professional Internship report is divided into four chapters. A short description is included at the beginning of each chapter followed by the development of the corresponding topics.

Also, at the beginning of each chapter the report includes the identification and contextualization of the Professional Internship as well as the schedule and planning of all the educational activities during the present training.

Chapter 1 provides a theoretically based description of 10 records, which were observed and performed daily. From the 10 records, 7 correspond to practises monitored with children between ages 3 and 5. The remaining 3 descriptions are related to activities carried out and/or evaluated by the pedagogical team as well as by each group head teachers.

Chapter 2 describes the 6 activity plans suggested and are aimed for children with ages between 3 and 5. The plans include the programme contents to be addressed, the length, the strategies and resources used in these activities. The strategies and resources used during in each activity are also theoretically supported.

Three valuation systems and the related result analysis are presented in Chapter 3. The valuation systems were used in 3 activities performed with the different Pre-School Education groups.

In Chapter 4 there is a proposal, an individual project on Oral Hygiene and I explain through the project work methodology, the several activities to be carried out so that children improve their personal hygiene, understanding in particular, the importance of Oral Hygiene.

Finally, I include a final reflection and the bibliographical references used as the theoretical basis for my internship report.

Keywords: Pre-school education, Daily reports, Pedagogical activities, Planning, Valuation and Project work

Índice Geral

Índice de Quadros	xiii
Índice de Figuras	xiv
Introdução	1
1. Identificação e contextualização do Estágio Profissional	2
2. Calendarização e cronograma	3
CAPÍTULO 1 – Relatos de estágio	6
1.1. Descrição do capítulo	7
1.2. Relato de estágio 1	7
1.3. Relato de estágio 2	9
1.4. Relato de estágio 3	11
1.5. Relato de estágio 4	13
1.6. Relato de estágio 5	15
1.7. Relato de estágio 6	17
1.8. Relato de estágio 7	19
1.9. Relato de estágio 8	21
1.10. Relato de estágio 9	22
1.11. Relato de estágio 10	24
CAPÍTULO 2 – Planificações	27
2.1. Descrição do capítulo	28
2.2. Fundamentação Teórica	28
2.3. Planificação em quadro	30
2.3.1. Planificação de uma atividade na Área de Conhecimento do Mundo	30
2.3.2. Planificação de uma atividade na Área da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo	32
2.3.3. Planificação de uma atividade na Área da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo	34

2.3.4. Planificação de uma atividade na Área da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo	36
2.3.5. Planificação de uma atividade na Área da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo	39
2.3.6. Planificação de uma atividade na Área da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo	41
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação	45
3.1. Descrição do capítulo	46
3.2. Fundamentação teórica	46
3.3. Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo	47
3.3.1. Contextualização da atividade	47
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	48
3.3.3. Apresentação e análise de resultados	50
3.4. Avaliação da atividade do domínio da Matemática	51
3.4.1. Contextualização da atividade	51
3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	51
3.4.3. Apresentação e análise dos resultados	53
3.5. Avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	54
3.5.1. Contextualização da atividade	54
3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	54
3.5.3. Apresentação e análise dos resultados	55
CAPÍTULO 4 – Apresentação de uma proposta de atividade	57
4.1. Descrição do capítulo	58
4.2. Fundamentação teórica	58
4.3. Desenvolvimento do projeto	60

4.3.1. Problema	60
4.3.2. Problemas parcelares	60
4.3.3. Destinatários	60
4.3.4. Entidades envolvidas	60
4.3.5. Motivação e negociação	60
4.3.6. Objetivos	61
4.3.7. Planeamento	61
4.3.8. Recursos	63
4.3.9. Produtos finais	63
4.3.10. Avaliação	63
4.3.11. Calendarização	64
4.4. Considerações finais	64
Reflexão Final	66
1. Considerações finais	66
2. Limitações	68
3. Novas pesquisas	68
Referências Bibliográficas	67
Anexos	72
Anexo 1 – Proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo	73
Anexo 2 – Grelha de avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo	74
Anexo 3 – Proposta de atividade do Domínio da Matemática	75
Anexo 4 – Grelha de avaliação da atividade do Domínio da Matemática	76
Anexo 5 – Proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	77
Anexo 6 – Grelha de avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	78
Anexo 7 – Exemplos de estratégias de motivação do projeto (vídeos, histórias, músicas e audiocontos)	79

Anexo 8 – tabela de avaliação do processo do projeto	80
Anexo 9 – Inquérito de avaliação aos pais sobre o produto final do projeto	81

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma do estágio profissional I	4
Quadro 2 – Cronograma do estágio profissional II	5
Quadro 3 – Cronograma do estágio profissional III	5
Quadro 4 – Planificação Modelo Clássico e adaptado	28
Quadro 5 – Planificação de uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo para os três anos de idade	30
Quadro 6 – Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e do Conhecimento do Mundo para os três anos de idade	32
Quadro 7 – Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e do Conhecimento do Mundo para os quatro anos de idade	35
Quadro 8 – Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e do Conhecimento do Mundo para os quatro anos de idade	37
Quadro 9 – Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e do Conhecimento do Mundo para os cinco anos de idade	40
Quadro 10 – Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e do Conhecimento do Mundo para os cinco anos de idade	42
Quadro 11 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo	49
Quadro 12 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do Domínio da Matemática	52
Quadro 13 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	54
Quadro 14 – Cronograma do projeto	64

Índice de Figuras

Figura 1 – Elaboração de uma sopa	9
Figura 2 – Capa da revista do Teatro Politeama	11
Figura 3 – Caixa dos ovos (ninhos) pinados com as seis primeiras cores do Cuisenaire e preenchida com pedras brancas (ovos)	13
Figura 4 – Modelagem de barro	16
Figura 5 – Resultados da avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo	50
Figura 6 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática	53
Figura 7 – Resultados da avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	55

Introdução

O presente relatório de estágio profissional corresponde às Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II e III e destina-se à conclusão do 2.º ciclo de estudos, Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus.

O Estágio Profissional é muito importante porque irá permitir uma melhor aprendizagem para o futuro profissional como docente, colocando em prática conceitos, estratégias e orientação aprendida nas diferentes Unidades Curriculares.

Ao realizarmos este estágio podemos estar em contacto com uma realidade educativa, possibilitando aquisições de novas aprendizagens que de outra forma não seria possível. De acordo com Pacheco (1998, citado por Dias, 2012), “aprender a ensinar é um processo articulado entre a teoria e prática e depende de um contexto prático” (p.6).

Durante o Estágio Profissional, estamos em contacto com os diversos modelos de educadores, diferentes estilos de ensino e vários grupos com variadas características e, de acordo com Tralha (2012, p.3), “é possível criar um modelo profissional próprio, sendo de grande relevância este estágio” bem como podemos verificar a reação de cada criança e a melhor forma de introduzir um determinado tema.

De acordo com Alarcão e Tavares (s. d., citados em Tralha, 2012), nem todas as situações que acontecem numa sala de aula são previsíveis. Porém, através dos estágios, o contacto com a realidade educativa aumenta bem como a possibilidade de algumas situações se tornarem previsíveis.

Após todo este percurso de formação, sabemos que os educadores têm como principal objetivo estimular e desenvolver as capacidades de aprendizagens das crianças por isso, é importante que nós tenhamos a nossa identidade pessoal, que é inicialmente construída ao longo de todo o Estágio Profissional, pois iremos aplicar os conhecimentos teóricos anteriormente adquiridos e desenvolver uma maior capacidade de adaptação aos obstáculos que nos surgem.

As relações pedagógicas que estabelecemos ao longo de todos os estágios vão, segundo Morgado (1997, p. 19), “constituir um instrumento privilegiado no sentido de promover percursos educativos”.

1. Identificação e contextualização do Estágio Profissional

O Estágio Profissional I decorreu numa escola na cidade de Lisboa, que abrange valências da Educação Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico. Relativamente ao pessoal docente e não docente, esta escola possui docentes da Educação Pré-Escolar, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, entre outros, e não docentes como: funcionária administrativa, ajudante de acção educativa, cozinheira, empregadas de serviços gerais, entre outros.

Os alunos estão agrupados por turmas, sendo que na Educação Pré-Escolar pela faixa etária e no 1.º Ciclo do Ensino Básico pelo nível de escolaridade.

A escola onde estagiei possui inúmeros espaços interiores e exteriores, sendo que cada qual tem o seu objetivo e função. Segundo as Silva et al. (2016), “as organizações educativas são contextos que exercem determinadas funções, dispondo para isso de tempos e espaços próprios e em que se estabelecem diferentes relações entre os intervenientes” (p.21). A escola possui espaços interiores e exteriores.

Os espaços interiores são constituídos pelas salas de aula, um refeitório, uma cozinha, uma biblioteca, um ginásio, casas de banho e um salão que corresponde a duas salas dos grupos de 4 anos de idade e à hora do almoço serve de zona de refeição para o 4.º ano de escolaridade.

Os espaços exteriores são constituídos por dois recreios sendo que o mais pequeno é destinado à Educação Pré-Escolar e o maior ao 1.º Ciclo de Ensino Básico.

O Estágio Profissional II decorreu, também, numa escola situada em Lisboa, com mais de 100 anos, um dos mais antigos na região de Lisboa. A escola abrange a Educação Pré-Escolar, 1.º Ciclo do Ensino Básico e 2.º Ciclo, correspondendo a mais ou menos 400 crianças.

A escola possui espaços interiores tais como: doze salas de aula, um salão utilizados não só como duas salas de aula para dois grupos de crianças com 4 anos de idade como também de zona de refeição para as crianças de 4 e 5 anos bem como as crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico, um ginásio, uma biblioteca, uma sala de informática, um gabinete médico, uma sala de professores, uma sala multiuso (onde decorrem nomeadamente, as aulas de Educação Musical e de Inglês), um gabinete de Direção, uma secretaria, um refeitório, uma cozinha, três despensas, uma sala de material de Educação Física, cinco zonas de casa de banho para crianças, quatro

zonas de casas de banho de adultos, dois espaços exteriores de utilização polivalente e um ateliê de cerâmica.

O Estágio Profissional III decorreu numa escola situada em Lisboa tendo sido o estágio realizado em grupos de crianças com 4 e 5 anos de idade. A nível de organização, esta escola é composta por dois pisos com três salas de creche, seis salas de pré-escolar no rés-do-chão, oito salas do 1.º Ciclo do ensino básico (duas no rés-do-chão e seis no primeiro andar).

Faz também parte da escola uma biblioteca, um salão (serve de sala de aula para o grupo de crianças de 4 anos de idade), uma sala de informática, um ginásio, uma sala de professores, um gabinete de direção, um refeitório, e respetiva cozinha, espaço de recreio coberto e dois descobertos casas de banho para crianças e adultos nos dois pisos e dois espaços exteriores.

2. Calendarização e Cronograma

No decorrer do Estágio Profissional houve quatro momentos diferentes de estágio nas salas da Educação Pré-Escolar, reuniões de Estágio e Orientação Tutorial. Três dos momentos do Estágio Profissional I, II, III correspondem aos três semestres do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

O Estágio Profissional I (1.º semestre) decorreu de 11 de outubro de 2016 a 10 de fevereiro de 2017 durante as terças-feiras e sextas-feiras entre as 9h00 e as 16h00, com as crianças da Educação Pré-Escolar.

O Estágio Profissional II (2.º semestre) decorreu de 6 de março de 2017 a 7 de julho de 2017, durante as terças e sextas-feiras entre as 9h00 e as 16h00.

O Estágio Profissional III (3.º semestre) decorreu de 9 de outubro de 2017 a 9 de fevereiro de 2018, durante as segundas-feiras entre as 9h00 e o 12h30m, as terças-feiras entre as 9h e as 11h30m e as sextas-feiras entre as 9h00 e as 16h00.

Outro momento importante de estágio corresponde à Semana de Contacto com a realidade educativa, em que decorre durante uma a três semanas, de segunda-feira a sexta-feira, das 9h00 às 17h00.

Durante todo o Estágio Profissional houve atividades realizadas por mim às quais fui avaliada por professores da Prática Pedagógica em que, de seguida, havia reuniões para as críticas e reflexão sobre as atividades.

A unidade curricular Orientação Tutorial ajuda-nos no planeamento e reflexão das atividades que íamos realizar nas escolas de estágio.

As reuniões de estágio ocorreram sempre depois de aulas avaliadas nos locais de estágio e a orientação tutorial, semanalmente, na Escola Superior de Educação João de Deus.

Os quadros que se seguem permitem observar com maior clareza todos momentos de estágio referidos anteriormente.

Quadro 1 – Cronograma do Estágio Profissional I

		1.º semestre																							
		setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro			
<div><div></div><div>Semanas</div></div>		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
	Atividades																								
Estágio com o grupo de 5 anos																									
Estágio com o grupo de 5 anos																									
Estágio com o grupo de 4 anos																									
Aulas observadas																									
Aulas programadas																									
Orientação tutorial																									
Reuniões de estágio																									
Estágio intensivo																									
Elaboração do Relatório de Estágio profissional																									

Quadro 2 – Cronograma do Estágio Profissional II

		2.º semestre																							
		fevereiro				março				abril				maio				junho				julho			
Semanas		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Atividades	Estágio com o grupo de 4 anos																								
	Estágio com o grupo de 3 anos																								
	Estágio com o grupo de 5 anos																								
	Aulas observadas																								
	Aulas programadas																								
	Orientação tutorial																								
	Reuniões de estágio																								
	Estágio intensivo																								
	Elaboração do Relatório de Estágio profissional																								

Quadro 3 – Cronograma do Estágio Profissional III

		3.º semestre																							
		setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro			
Semanas		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Atividades	Estágio com o grupo de 4 anos																								
	Estágio com o grupo de 5 anos																								
	Aulas observadas																								
	Aulas programadas																								
	Orientação tutorial																								
	Reuniões de estágio																								
	Estágio intensivo																								
Elaboração do Relatório de Estágio profissional																									

Capítulo 1 – Relatos de Estágio

1.1. Descrição do capítulo

Neste primeiro capítulo serão apresentados relatos de práticas pedagógicas observadas, planeadas e postas em prática ao longo do estágio profissional em Educação Pré-Escolar.

Este capítulo é composto por 10 narrativas de estágio e, por conseguinte, na fundamentação teórica dos mesmos. Os diversos relatos foram realizados em diferentes escolas na região de Lisboa, e em sala de atividades com crianças entre 3 e 5 anos de idade.

Das 10 narrativas apresentadas neste capítulo, 7 relatos traduzem as observações realizadas, de forma a relatar, detalhadamente, como se processam as tarefas diárias bem como as atividades exploradas pelas educadoras com os grupos. Os restantes 3 relatos apresentados traduzem atividades dinamizadas por mim com os grupos de crianças com 3,4 e 5 anos de idade.

Ao longo dos relatos coloquei fotografias das atividades observadas e/ou realizadas.

1.2. Relato de estágio 1

Nesta manhã, após algumas colegas realizarem algumas atividades, houve uma reunião com as professoras da equipa da prática pedagógica, com as alunas que realizaram as atividades e as que observaram, e também as educadoras das respetivas salas. Cada interveniente deu o seu *feedback*, referindo os pontos que foram considerados bons e os menos bons, sugerindo novas estratégias.

Nessa reunião, é pedido às alunas que descrevam a(s) atividade(s) realizada(s) referindo os pontos bons e menos bons. Após as alunas terem terminado a sua reflexão crítica é dada a palavra à educadora da respectiva sala e, de seguida, à equipa da prática pedagógica.

No fim de todos os intervenientes presentes na reunião falarem, segue-se o momento das alunas reflectirem sobre o que lhes foi dito bem como à compreensão da existência de novas estratégias de forma a melhorar as suas atividades futuras.

Fundamentação teórica

O dia 11 de novembro foi um dia muito importante para mim e para outras colegas, pois foi a primeira vez que realizámos uma atividade, avaliada pelas professoras da prática pedagógica, realizada no Mestrado em Educação Pré-Escolar.

As estagiárias, ao realizar as diversas atividades, assumem o papel do educador, tendo de ter sempre em atenção as atividades e estratégias adequadas e que não sejam fora do normal, pois, para Pacheco (1995), alterar as rotinas e conceções de ensino das crianças é algo que não é fácil de gerir por parte do estagiário.

Durante o processo académico profissional, o estagiário apoia-se na equipa de prática pedagógica, de modo a que garantiram o seu sucesso académico e profissional.

Segundo Machado, Alves e Gonçalves (2011, p. 37), “a observação pedagógica não é um empreendimento primordialmente técnico ou de controlo dos professores e dos alunos, mas um empreendimento educacional e pedagógico”. No seguimento desta afirmação, o apoio, referido no parágrafo anterior, começa no início da preparação das atividades, na presença da equipa da prática pedagógica, durante as atividades e termina após as críticas durante a reunião.

A equipa pedagógica, ao observar as atividades e de seguida dar a sua opinião, vai permitir ao estagiário, de acordo com Machado, et al. (2011, p.38), “o aperfeiçoamento das capacidades de observação, auto-observação, organização casual e reflexão sobre as aulas e fundamentos da acção pedagógica, desenvolvendo um certo tipo de conhecimento eminentemente prático”.

As reuniões que são realizadas após as atividades podem permitir que as alunas exponham e examinem “as suas teorias práticas, para si próprio e para os seus colegas” (Zeichner, 1993, p. 21), permitindo que se apercebam as suas falhas ao discutindo publicamente com os professores pois terão a possibilidade de aprender com eles.

Estas reuniões são fundamentais, pois tornam-se num local de reflexão e onde as alunas entendem onde falham e o que é possível melhorar para aulas futuras e na mesma linha de pensamento de Zeichner (1993, p.17), “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência”.

1.3. Relato de estágio 2

As educadoras planejaram uma atividade que consistia na elaboração de uma sopa. Depois da atividade de Música, as educadoras sentaram os respectivos grupos no chão, de forma a observarem todo o processo de elaboração da sopa.

Antes de iniciarem a atividade, foi colocado em cima de duas mesas, previamente, com a minha ajuda e com o do meu colega de estágio, todos os ingredientes necessários (batata, cenoura, cebola, alho francês, água, azeite e sal), tal como todos os utensílios (toalha de mesa, panela, facas e tábuas).

As educadoras solicitaram aos pequenos grupos de crianças para cortar e colocar dentro da panela os legumes (como se pode observar na figura 1), sempre com a observação das educadoras.



Figura 1 – Processo de elaboração de uma sopa

Esta atividade foi pertinente e suscitou muito interesse, curiosidade e ânsia nas crianças, pois estavam sempre à espera do momento em que as educadoras iriam pedir para que viessem às mesas realizar uma tarefa. Sempre que cada criança terminava a sua tarefa, dirigia-se aos lavatórios para proceder à higienização das mãos.

A colocação da água, do azeite e do sal foram etapas realizadas pelas educadoras. A última etapa desta atividade consistiu na colocação da panela no fogão da cozinha, uma atividade realizada pelas educadoras e pelas funcionárias da cozinha.

À tarde, em vez de comerem a bolacha, as crianças provaram a sopa realizada na parte da manhã.

Fundamentação teórica

O conteúdo do Conhecimento do Mundo, no grupo dos 4 anos, nesta altura, são as plantas, mais especificamente os legumes. Desta forma, as educadoras decidiram realizar uma sopa para reforçar e dinamizar o tema das plantas com as crianças.

As crianças, ainda antes de iniciarem a Educação Pré-escolar, já têm muitos conhecimentos e a área do Conhecimento do Mundo. Segundo as Orientações Curriculares, está associado à curiosidade da criança de saber e compreender o porquê das coisas. Desta forma, através de atividades que proporcionem o explorar, questionar, descobrir e compreender, irão encorajar as crianças para a construção de novos conhecimentos.

Segundo Martins et al. (2009, p. 11), “a sociedade actual é eminentemente científica e tecnológica, e as crianças desde cedo contactam, de forma mais ou menos directa, com diversos equipamentos/brinquedos, que são o reflexo dos avanços e da divulgação da tecnologia”. Tal como Martins et al. (2009), também sou da opinião de que a presença de equipamentos/brinquedos tecnológicos estão muito presentes na vida das crianças. Por isso, o papel do professor na escola é incentivar para a manipulação e experimentação de outros equipamentos/brinquedos mais didáctico-pedagógicos.

A ciência está sempre presente na vida das crianças, mesmo sem estas se aperceberem, como por exemplo quando empurram um objeto, quando descem um escorrega, quando brincam na piscina com brinquedos e verificam que uns flutuam e outros não, entre outros. As pequenas aprendizagens que as crianças possam fazer destas situações são através da manipulação de objetos. Por isso, devem de ser proporcionadas diversas atividades de cariz prático.

Verificou-se durante todo o procedimento, a produção da sopa, o entusiasmo das crianças, porque, segundo Martins et al. (2009, p. 21), “a participação activa das crianças em todas as fases do desenvolvimento das actividades favorece o seu entusiasmo, dado que gostam naturalmente de mexer, experimentar e observar as consequências das suas acções”.

As atividades experimentais servem não só para explicar um conteúdo como também para reforçar um determinado conceito.

1.3 Relato de estágio 3

Neste dia, todos os grupos da Educação Pré-Escolar foram a uma visita de estudo ao Teatro Politeama, ver o musical “A Pequena Sereia” e tive a possibilidade de os acompanhar.

No início da manhã, procedemos à receção das crianças no salão, idas à casa de banho e organização do grupo para nos dirigirmos ao autocarro, meio transporte este que nos levou ao teatro.

Após a chegada ao teatro, ainda esperámos que as portas abrissem. De seguida, após a abertura das portas, entrámos com as crianças, retiramos-lhes os casacos e sentámo-las nos lugares. Os grupos de crianças de 4 anos ficaram sentadas na 1.ª tribuna junto ao balaústre, o que permitiu uma atenção redobrada por parte das educadoras e estagiários para com as crianças para que estas não se pendurassem.

A direção do Teatro ofereceu a todas as educadoras e estagiários uma revista (ver a figura 3) com os nomes reais e figurativos das personagens, tal como um pequeno resumo da peça.



Figura 2 – Capa da revista do Teatro Politeama

O conto “A pequena Sereia”, transformado num musical pelo Filipe La Féria, retrata a vida de uma sereia, a Ariel, que não está satisfeita com a vida que tem no mar e muito curiosa em saber como é a vida dos seres humanos mas só poderia ir à superfície quando completasse os seus 15 anos de idade.

Quando esse dia chegou, ela nadou até à superfície e avistou um grande e nadou até ele e rapidamente se apaixonou por um príncipe. Sendo ela uma sereia não se podia aproximar da terra deste modo, recorre a uma bruxa para ficar com um aspeto humano, mas para isso acontecer teria de abdicar da sua voz recuperando-a se fizesse o príncipe apaixonar por si.

Depois de algumas peripécias e com a ajuda dos seus amigos, recuperou a sua voz e casou-se com o príncipe no navio em alto mar, com a bênção do rei dos mares, pai de Ariel, Rei Tritão.

A peça de teatro teve uma duração de, aproximadamente, 55 minutos. Quando a peça terminou, vestimos os casacos às crianças e organizámos de novo o grupo para regressarmos ao autocarro e, por sua vez, à escola, onde depois realizámos a higiene e, de seguida, fomos almoçar.

Na parte da tarde, as educadoras agrapharam um pequeno cartão, com a identificação da peça de teatro, a um canto de uma folha branca em que as crianças desenharam todas as personagens que se lembravam, para que o grupo ficasse com uma memória gráfica da sua ida ao teatro.

Fundamentação teórica

As visitas de estudo são muito importantes especialmente na Educação Pré-Escolar, porque são utilizadas para a estimulação da aprendizagem das crianças. Porém, para que uma visita de estudo seja um sucesso, tem de se ter em atenção alguns princípios básicos tais como as características específicas da turma, o grau de ensino e o nível etário dos alunos, isto porque, segundo Bastos (1999), “as reacções de um público infantil não são idênticas às dos alunos” (p. 236).

Deste modo, seria importantes os alunos estarem, de alguma forma, preparados para o espectáculo que vão assistir.

As visitas de estudo têm como objetivos: enriquecer o ano letivo, promover o convívio, fortalecer as relações entre alunos e professores, recordar os bons e/ou maus momentos da visita e acima de tudo, como já foi referido anteriormente, estimular a aprendizagem por parte dos alunos.

A importância das visitas de estudo, segundo Trindade (2002), dizem respeito ao modo como fazem ou não sentido para os alunos que as realizam portanto vai permitir:

um contacto privilegiado com o meio envolvente e vivências educativas interessantes pelo facto de valorizarem um contacto real e concreto com as coisas, as visitas de estudo abrem possibilidades de intervenção educativa interessantes, desde que se compreenda que as actividades não se esgotam nas visitas propriamente ditas. (p. 30)

Desta forma, visitar museus, idas ao teatro, jardins, entre outros permitirão à criança ter a oportunidade de contactar com novas situações e experimentar novas vivências.

1.4 Relato de estágio 4

A educadora do grupo de crianças com 4 anos começou a atividade do Domínio da Matemática, distribuindo, a cada criança, uma caixa de ovos pintada com as seis primeiras cores do material didático Cuisenaire, um copo de plástico que continha pedras brancas, que eram os ovos, e galinhas impressas e pintadas com as cores existentes nas caixas.

A educadora começou por apelar à imaginação das crianças, dizendo que as caixas eram galinheiros e que os buracos pintados eram os ninhos. De seguida, colocou diversas questões que remetiam para o Conhecimento do Mundo, nomeadamente: “quem vive nos ninhos?”, “quem é o macho das galinhas?”, “quem é a cria das galinhas?”. Globalmente, as crianças responderam acertadamente às questões colocadas pela educadora.

No Domínio da Matemática, a educadora criou uma história em que o enredo seria sobre um tio Manuel que tinha galinheiros e certo dia foi verificar quantos ovos tinham posto as galinhas. As questões para preencher os vários “ninhos” foram diversificadas, desde remeter o pensamento das crianças para o valor das peças do Cuisenaire, a noção de um par, de mais e menos (relacionado com a quantidade), em cima e em baixo (a posição das galinhas tendo em conta a posição da caixa).

O objetivo desta atividade era preencher os “ninhos” com a quantidade de “ovos” correspondente à cor do Cuisenaire, como se pode observar na figura 4.



Figura 3 – Caixa dos ovos (ninhos) pintados com as seis primeiras cores do Cuisenaire e preenchida com pedras brancas (ovos)

Fundamentação teórica

A educação é um processo de desenvolvimento de capacidades, destrezas, valores e atitudes. De acordo com a OCPRE (Silva et al. 2016):

No jardim-de-infância, a aprendizagem das crianças requer uma experiência rica em matemática, ligada aos seus interesses e vida do dia-a-dia, quando brincam e exploram o seu mundo quotidiano. O/A educador/a deverá proporcionar experiências diversificadas e desafiantes, apoiando a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas e propondo situações problemáticas em que as crianças encontrem as suas próprias soluções e as debatam com as outras. (p. 74)

Os conceitos matemáticos adquiridos na educação pré-escolar irão influenciar, positivamente, as futuras aprendizagens das crianças e, por isso, a aprendizagem matemática terá um maior impacto.

O lúdico não se baseia apenas num comportamento ativo. No entanto, nem todos os jogos e/ou brincadeiras são fisicamente ativas. O lúdico pode estar, também, associado aos materiais manipulativos em que através dos mesmos, as crianças serão encorajadas à exploração dos materiais tal como, a explicar e a justificar as respostas que obtém, melhorando também a linguagem e o pensamento lógico da mesma.

Segundo Reys (citado em Caldeira, 2009, p.23), os materiais manipulativos permitem: diversificar as atividades de ensino, realizar experiências em torno de situações problemáticas, representar correctamente ideias abstractas, analisar sensorialmente dados necessários à formação de conceitos, dar oportunidade aos alunos de descobrir relações e formular generalizações, envolver ativamente os alunos na aprendizagem, respeitar as diferenças individuais e aumentar a motivação.

O material manipulativo é considerado um material lúdico que pode ser usado em diversas atividades e, por isso, constitui um instrumento fundamental para o desenvolvimento da Matemática, visto que permite à criança, através da brincadeira, aprender e representar explicita e concretamente os conteúdos matemáticos que são abstratos.

Este género de material engloba dois tipos: estruturados e não estruturados, mas ambos deverão de fazer parte da parte da aprendizagem como meio de facilitar a compreensão dos conceitos e das ideias matemáticas. Porém, nesta atividade em específico, a educadora utilizou um material não-estruturado, que, segundo Botas (citado em Ferreira, 2013), pode ser utilizado pela criança, estando à sua disposição de o usar com imaginação e criatividade:

aquele que ao ser concebido não corporizou estruturas matemáticas, e que não foi idealizado para transparecer um conceito matemático, não apresentando, por isso, uma determinada função, dependendo o seu uso da criatividade do professor. (p. 22)

As caixas de ovos e as pedras brancas são materiais simples, versáteis e de baixo custo que não foram pensados para serem utilizados como brinquedos porém, permitem a exploração, incentivam ao lúdico e desenvolvem novas aprendizagens.

1.5 Relato de estágio 5

Neste dia o grupo de crianças com 4 anos teve o ateliê de cerâmica. A sala onde decorre esta atividade é muito pequeno por isso o grupo, com 25 crianças, é dividido em dois grupos. Eu e a minha colega de estágio combinamos com a educadora que iríamos acompanhar o primeiro grupo à cerâmica e, de seguida, quando o segundo grupo fosse para a atividade, ficaríamos com ela na sala mais o primeiro grupo a assistir à atividade de matemática.

Após os grupos estarem criados, os professores de cerâmica levam o primeiro grupo para a sala. Nas mesas já se encontram pedaços de barro para cada criança moldar.

Inicialmente, um dos professores questiona sobre o que tem em cima da mesa, as crianças responderam automaticamente que era barro. A segunda questão colocada foi “Como é feito o barro?” e neste caso houve algumas respostas desconhecidas, ou seja, foram respostas que as crianças pensariam que sabiam a resposta mesmo não conhecendo o conteúdo por exemplo, “o barro é feito de água e farinha”, “o barro é feito de água e plasticina”, etc. De seguida, os professores ao ouvirem as respostas corrigiram-nas dizendo que o barro é feito de água e terra.

Depois de saberem a origem do barro, os professores deixaram as crianças explorarem e moldarem o barro de forma a criarem o que quisessem, como mostra a figura 5. Durante esse processo, um dos professores explicou-nos, a nós estagiárias, que era a primeira aula deste ano lectivo e, por isso, o objetivo desta atividade era essencialmente brincarem com o barro.

A atividade de cerâmica, de cada grupo, dura 30 minutos. De seguida, as crianças vão aos lavatórios realizar a lavagem das mãos e regressam à sala para realizar atividades planificadas pela educadora.



Figura 4 – Modelagem do barro

Fundamentação teórica

Antes de começar a fundamentar a importância da cerâmica na educação pré-escolar acho fundamental explicitar o significado e a importância da Expressão Plástica.

De acordo com Sousa (2003, p. 160), “a expressão plástica é essencialmente uma atividade natural, livre e espontânea da criança”. O mesmo autor refere ainda que o modo de expressão ou criação é feito através de materiais plásticos, isto é, que possuam características elásticas ou plásticas tais como: o gesso, a pedra, o barro, a madeira, os metais e o plástico. As crianças, ao utilizarem materiais plásticos, irão “alagar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação” (Silva et al., 2016, p. 49).

Após várias leituras, constatei que Read (citado em Reis, 2003, p. 116) também é da opinião do autor anterior, ou seja, “a expressão livre ou espontânea é a exteriorização sem constrangimento das atividades mentais do pensamento, sentimento, sensação e intuição”.

Segundo Agüera (2008, p. 103), é fundamental que as crianças criem isto porque “é a melhor forma de contribuir para o desenvolvimento do pensamento, ao mesmo tempo que lhes incentiva a auto-estima e, obviamente, se aumentam destrezas e habilidades”.

Ao modelarem o barro e ao criarem o que pretendiam, permitiu que as crianças vissem os seus resultados finais e relacionassem com as vivências e gostos pessoais. Por exemplo, houve uma criança que criou as ilhas da Madeira e Açores e quando questionada do motivo pelo qual o fez, disse que foi para recordar as viagens que realizou com a família. De acordo com Bessa (1972, p. 12), “a criança assinala sua preferência pelos detalhes que lhe parecem mais significativos”.

A modelagem do barro segundo, Godinho e Brito (2010, p. 42), é uma atividade que irá estimular “a coordenação das percepções tácteis e visuais, levando as crianças a observar os resultados operados no barro através do seu manuseamento”.

Concluo então que a expressão plástica é um modo como as crianças podem exteriorizar livremente as suas emoções, sentimentos e forma de pensar.

1.6 Relato de estágio 6

Neste dia, foi a minha primeira atividade avaliada, em conjunto com a minha parceira Mariana Leite, do Estágio Profissional III (3.º semestre) e o conteúdo desta atividade era o São Martinho. Era uma atividade, no geral, de 1 hora, sendo que cada uma de nós teria 30 minutos para realizar atividades com as crianças. Optei por querer planear atividades no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Para iniciar a minha atividade fiz uma pequena abordagem integrada na Área de Conhecimento do Mundo, mostrando uma imagem de uma árvore, em A3. Questionei as crianças se sabiam o nome da árvore e com algumas ajudas disseram que era o castanheiro.

De seguida, mostrei dois ouriços, expliquei para que serviam, deixei passar por todos e questionei se sabiam o motivo pelo qual no dia 11 de novembro festejávamos o São Martinho. De seguida, comecei a realizar atividades no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Para desenvolver esse domínio, realizei a leitura de um livro, criado por mim em cartolina, com a lenda de São Martinho incompleta. A estratégia utilizada para a completar foi com imagens A4 plastificadas de diversas situações em que as crianças teriam de vir ao pé de mim e colocar no livro.

Após a leitura da lenda, solicitei a uma criança que olhasse as imagens em A1 coladas em k-line e as colocasse por ordem cronológica. De seguida, solicitei a outra criança que recontasse a lenda tendo em conta a sequência cronológica das imagens.

Antes terminar a minha atividade distribui um par de castanhas cruas a cada criança e em simultâneo com a minha parceira cantámos uma música alusiva ao tema. Para realizar a passagem da minha atividade para a da minha colega, fui dando indicações ao grupo que, ordeiramente por mesas fossem a marchar como o soldado Martinho e colocassem as castanhas dentro de um assador de barro que a Mariana teria na mão.

Após todas as castanhas estarem dentro do assador simulámos que iríamos colocá-lo ao lume e no final da atividade, demos uma castanha assada a cada criança.

Fundamentação teórica

Para desenvolver o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, optei por ler ao grupo a Lenda de São Martinho. A lenda, segundo Diniz (2001, p. 60), “é uma forma narrativa que geralmente breve que pode ser escrita em prosa ou em verso. (...) Está ligada a um espaço geográfico e a uma determinada época. (...) Localiza-se quase sempre num castelo, num monte, num ribeiro ou num bosque”.

A colocação das imagens no livro, na minha opinião, foi uma estratégia apropriada à faixa etária do grupo. A lenda tornou-se mais apelativa e provocou uma maior motivação e concentração do grupo. Nestas idades é necessário que compreendam e sejam motivadas para a importância da leitura. Segundo Martins et al. (2009):

a autonomia concedida ao (à) educador(a) na tomada de decisão acerca de conteúdos a abordar e metodologias de exploração a usar, em função do grau de aprofundamento dos mesmos, requer a mobilização de saberes vários, incluindo o conhecimento didático e de conteúdo, o que não é tarefa fácil. (p. 14)

Segundo Silva et al. (2016, p. 71), o papel do/a educador/a é fundamental neste processo, ao criar ambientes promotores do envolvimento com a leitura e a escrita, que levem ao desenvolvimento de atitudes e disposições positivas relativamente à aprendizagem da linguagem escrita. Assim, através de estratégias de leitura é possível estimular as crianças e desenvolver o seu gosto pela leitura.

De acordo com a opinião de Mata (2008, p.84), é fundamental, nesta faixa etária, desenvolver “atitudes positivas e prazer face à leitura.” Para isso, é necessário proporcionar às crianças “momentos de leitura agradáveis e positivos”.

O mesmo autor afirma ainda que durante a dinamização da leitura “procura-se incentivar a curiosidade das crianças de forma a atrair a sua atenção antes, durante e depois da leitura, procura-se, também, “associar a leitura” da história a um momento lúdico, envolto em magia, em que as crianças também eram protagonistas” (p. 85).

Para realizar a passagem da minha atividade para a da minha colega de estágio, contámos uma música alusiva ao tema de São Martinho. Geralmente, as crianças gostam de cantar canções que é uma forma de desenvolver a sensibilidade musical e não só, segundo Young (2009, p. 32), “também ajuda a desenvolver o gosto

pela rima e pelo ritmo, bem como a consciência da sonoridade das palavras, o que é essencial para desenvolver as competências de pré-leitura”.

A gestão do tempo foi bem conseguida, pois consegui aplicar todas as minhas estratégias no tempo previsto e, no geral, as críticas que obtive foram positivas as menos positivas, por assim dizer, foram relativamente as imagens que as crianças foram colocando na lenda de forma a completá-la, isto porque, as imagens do soldado, do cavalo e do pobre eram apenas o busto e por isso poderia induzir em erro as crianças.

1.7 Relato de estágio 7

No dia 30 de novembro de 2017, ocorreu a festa de Natal da escola onde realizei o estágio profissional III, uma atividade que teve lugar num anfiteatro no centro de Lisboa.

Todas as valências da escola ensaiaram durante várias semanas uma peça de teatro e canções com os professores de música e de inglês, de forma a apresentar aos seus familiares neste dia.

A festa de Natal realizou-se por faixas etárias e anos de escolaridade. Iniciou-se às 9h30m com as crianças da Educação Pré-Escolar. De seguida, com a creche e os alunos do 1.º ano de escolaridade foram os últimos a atuar na parte da manhã. Houve uma pausa para o almoço e às 14h foi retomada a festa com a apresentação dos alunos do 2.º ano, de seguida o 3.º ano e terminou com os alunos do 4.º ano de escolaridade por volta das 18h. Os familiares assistiram consoante o horário de cada festa e observaram-na nas cadeiras da plateia.

As crianças da Educação Pré-Escolar cantaram músicas alusivas ao natal que foram ensaiadas pelo professor, de seguida dramatizaram a história “A largatinha muito comilona” de Eric Carle, que foi adaptada pelas educadoras ao acrescentarem coreografias que ensaiaram com as educadoras bem como no final, realizaram um presépio humano.

Todas as crianças mostraram muito entusiasmo por estarem vestidas com os fatos alusivos às personagens que representaram nas respetivas peças de teatro e pelos seus familiares estarem presentes de forma a vê-los atuar.

Algumas horas de estágio foram dedicadas aos preparativos da festa de Natal, onde eu e as minhas colegas ajudámos na confecção de uma lembrança para levarem

para casa no final da festa e na realização de um *placard* alusivo ao inverno para decorar o salão.

Previamente, num dia de estágio, reunimo-nos com uma das educadoras que distribuiu tarefas por todas nós, ou seja, a nossa função no dia da festa foi ficar responsável por um pequeno grupo de crianças e, à medida que chegavam, despimos-lhes os casacos, guardámos em sacos previamente identificados por personagens. Quando as crianças terminaram a sua atuação no palco, voltávamos a vestir os casacos e levámo-las para a escola onde houve um lanche com os pais.

Fundamentação teórica

A família e a escola são duas instituições muito importantes na vida da criança, porque vão influenciar o seu desenvolvimento educacional logo. É fundamental que haja uma boa comunicação escola-família e segundo Costa (2016), independentemente da criança ter ou não a consciência é a própria que é considerada como intermediário dessa comunicação.

O mesmo autor ainda refere que “o modo como a família integra no seu sistema escola, poderá constituir-se como uma condição facilitadora da realização e da adaptação escolar da criança” (p.108). Deste modo, segundo Costa (2016, p. 109), “uma maior participação com qualidade dos pais no contexto escolar do aluno constitui um excelente fio condutor nas aprendizagens e no seu envolvimento na vida escolar”. As escolas têm de encontrar as melhores estratégias de modo a integrar a família.

Todas as festas são marcos de grande importância na vida das escolas, pois permitem não só um envolvimento de todos os membros da nossa comunidade educativa, como também a vivência dos valores que norteiam o nosso caminho educativo.

De acordo com Agüera (2008, p. 73), “as festas e celebrações constituem atos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a autoestima, a colaboração e a integração das crianças”.

Considero a festa de Natal um momento alto do ano letivo, não só pelo significado inerente, mas também pela temática que anualmente se associa à festa de Natal, isto porque, de acordo com Lima (2012), “o Natal é, por excelência, a época da família, da reunião, da união e de um espírito muito próprio de solidariedade que torna as pessoas, consequentemente, mais felizes”.

A festa de Natal vai também permitir que as crianças celebrem os valores da vida e da família, ou seja, é uma forma de integrar a família, algo fundamental para o envolvimento da criança com a instituição educacional.

1.8 Relato de estágio 8

As crianças com 5 anos de idade já têm contato com a aprendizagem de leitura, sendo que todas as manhãs a educadora desenvolve o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita através da *Cartilha Maternal* João de Deus.

Nesta manhã, a educadora dirigiu-se à Cartilha com grupos homogêneos. Na Cartilha a educadora identifica a lição em que a criança vai e relembra sempre o último valor da letra que ficou, apresentando um novo valor, ou letra consoante o caso. Depois de todas as regras da letra explicadas, a criança consegue, sempre, ler a palavra demonstrando, grande facilidade. No final de cada palavra lida, a educadora pede que a criança construa uma frase simples com a palavra que acabou de ler. Enquanto o restante grupo realizava propostas de trabalho referentes aos grafismos das letras aprendidas.

Como estagiária, a educadora solicitou-me que aplicasse uma estratégia para estimular a leitura. A minha função foi apresentar uma imagem à criança, questionando o que observava, por exemplo uma bota (nível mais fácil) e de seguida, colocava em cima da mesa várias sílabas, com a letra de imprensa, e as crianças teriam de descobrir quais as sílabas corretas de modo a formar a palavra correspondente à imagem. Após descobrirem a palavra através das sílabas, colocava cartões em cima da mesa e a criança teria de descobrir a palavra completa com a letra manuscrita.

Fundamentação teórica

A Cartilha Maternal existe em vários tamanhos. Porém, as educadoras desta faixa etária têm um livro em tamanho grande e, de acordo com Viana (2001, citado em Ruivo, 2009, p. 119), “a utilização do livro grande, cuja leitura facilita o apontar com o dedo, permite que a criança facilmente se dê conta da direccionalidade da escrita e da leitura”. É a este suporte de apoio que as crianças se dirigem diariamente com a educadora e revêem e aprendem uma lição nova.

Quando as crianças se encontram junto à Cartilha Maternal lêem palavras que segundo Ruivo (2009, p. 122), “são contextualizadas de forma a contribuir para o enriquecimento lexical do aluno”.

As lições deverão de ser curtas, diárias, claras, em pequenos grupos e num espaço de tempo reduzido. Porém, o suficiente para que a aprendizagem das regras das letras seja consolidada.

Como já referi, as lições deverão de ser em pequenos grupos, porque, de acordo com Ruivo (2009, p.133), “torna as lições mais vivas e equilibra em interacção o comportamento individual de cada aluno; os mais ativos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes”. As crianças não deverão responder em coro, mas sim cada um na sua vez, apesar de estarem todos empenhados na mesma tarefa.

Ruivo (2009, p. 101) refere ainda que o Método João de Deus “é uma metodologia que requer trabalho, dedicação e esforço da parte do professor mas que tem resultados positivos no desenvolvimento das competências essenciais à leitura”.

De acordo com Silva et al. (2016, p. 66), “o reconhecimento de diferentes formas que correspondem a letras, a identificação de algumas palavras ou de pequenas frases permitem uma apropriação gradual da especificidade da escrita não só ao nível das suas convenções, como da sua utilidade”.

1.9 Relato de estágio 9

A atividade relatada foi realizada com crianças de 3 anos de idade. Para iniciar esta atividade formei uma roda com o grupo e sentámo-nos no chão e contei a história “O Monstro das cores” em *pop-up* de Anna Llenas.

Após a leitura da história, coloquei junto a mim uma caixa de madeira onde se encontra o 1.º Dom de Froebel. Comecei por questionar se a caixa era opaca ou transparente, de que material era feito e o que achavam que estava lá dentro. De seguida, solicitei a uma criança que retirasse dentro da caixa uma bola e que me dissesse a cor da mesma, realizei a mesma estratégia para as restantes cores.

Depois das seis bolas estarem fora da caixa, realizei um jogo para verificar se eles identificavam qual a cor da bola que faltava, ou seja, as crianças taparam os olhos com o bibe e eu retirava uma bola e escondia e, de seguida, teriam que identificar qual a cor da bola que eu retirei.

Fundamentação teórica

Segundo Araújo (2007, p.35), trabalhar o domínio da matemática na Educação Pré-Escolar "não se restringe apenas ao jogo. (...) o jogo não é um conteúdo matemático, mas sim um recurso metodológico", Moura (1990, citado em Araújo, 2007, p.35) completa a ideia anterior referindo que "o conteúdo matemático não deve estar no jogo, mas no ato de jogar".

Uma proposta de matemática para a Educação Pré-Escolar, segundo Smole (2003, p. 62), "deve de encorajar a exploração de uma grande variedade de ideias matemáticas (...) de forma que as crianças desenvolvam e conservem um prazer e uma curiosidade acerca da matemática".

Smole (2003, p. 63) afirma que as crianças na Educação Pré-Escolar devem ter contacto diário com "propostas e oportunidades que evoquem o uso da competência lógico-matemática".

De acordo com Caldira (2009, p. 241), "os *dons* são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias". A mesma autora refere ainda que através da "interação criança-criança ou criança-jardim de infância que surge a verdadeira magia do aprender crescendo, levando a criança a compreender e a apreciar o mundo que a rodeia".

O 1.º Dom de Froebel é constituído por seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã com ponto de *crochet*, nas seguintes cores: encarnado, laranja, amarelo, verde, azul e violeta. Estas bolas encontram-se dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo. Caldeira (2009) refere que este material estruturado tem diversos interesses pedagógicos nomeadamente a aprendizagem das cores e jogos de memória, interesses aos quais me foquei quando planifiquei esta atividade.

A mesma autora refere também as capacidades e destrezas a ter em atenção quando trabalhamos com este material, tendo em conta os interesses pedagógicos escolhidos para trabalhar, as capacidades/destrezas a desenvolver nas crianças são: distinguir cores e desenvolver a memória.

No final desta atividade, a educadora deu o seu *feedback*, sendo este positivo que eu soube relacionar-me com as crianças, as questões foram bem colocadas, e gostou essencialmente que toda a atividade tivesse um bom fio condutor.

1.10 Relato de estágio 10

No dia 26 de janeiro de 2017, realizei uma atividade, avaliada pelas professoras da Prática Pedagógica, com crianças de 5 anos de idade, subordinada ao tema os cristais e a sua formação. A atividade teve a duração de uma hora, abordando os seguintes Domínios: Matemática e Linguagem Oral e Abordagem à Escrita bem como a Área de Conhecimento do Mundo.

Iniciei esta atividade pelo Domínio da Matemática, utilizando as Calculadoras Papy, impressas por mim e, previamente colocadas nas mesas. Criei uma pequena história sobre os cristais e que precisaria da ajuda das crianças para contabilizar a quantidade dos mesmos que observei. Realizei leitura de números e pequenas adições, tentando sempre chegar aos diversos níveis de raciocínio do grupo.

Após a realização de alguns cálculos, solicitei aos “chefes” de grupo para recolherem o material e, de seguida, para me ajudarem na distribuição do material que iríamos utilizar para a realização de uma experiência, que se realizou em grupos de dois, e que tinha como objetivo a formação de cristais.

Assim sendo, após todos os materiais estarem distribuídos, iniciámos a realização da experiência: colocar 25ml de sal marinho em água quente e com a ajuda de uma espátula mexer para que todo o sal se dissolvesse. De seguida, tinha duas cores de corante alimentar: amarelo e encarnado juntando, consoante o que pretendiam, a cor à solução de sal. Após todo o sal estar dissolvido colocavam um pouco da solução em placas petri. Solicitei aos grupos para que não colocassem a solução toda pois iriam utilizar para outra atividade. A formação dos cristais não se consegue observar no momento, pois demora, aproximadamente, 2 semanas, como tal, previamente, realizei a experiência e mostrei o resultado final que obtive.

Após a realização da atividade experimental, coloquei no quadro de ardósia um quadro com a palavra cristal, que tinha como objetivo realizar a dinamização da palavra através de regras da Cartilha Maternal, de forma a ajudar o grupo a ler a palavra.

Por fim, distribui a cada criança uma cartolina azul, em tamanho A5, com a sua inicial com o intuito de realizarem a picotagem e colarem numa proposta de trabalho. Depois da picotagem e da colagem da letra, com o resto da solução de sal que sobrou da experiência, mergulhavam um cotonete e, de seguida, preenchiam toda a letra, isto é, depois de seca a letra irá ficar preenchida com pequenos cristais. Esta atividade foi

realizada enquanto eu fui com um grupo de três crianças à Cartilha Maternal. Foi-me solicitado que desse a lição do “sezexe” em que duas das crianças já tinham aprendido a mesma e a terceira criança apenas sabia os dois primeiros valores da letra em questão e tive que lhe introduzir o terceiro. Após ter terminado a lição na Cartilha Maternal, ajudei as crianças a terminarem a atividade.

Fundamentação teórica

Estas atividades, como já referi, decorreram no âmbito de avaliação. Desta forma, irei descrever alguns comentários críticos construtivos que obtive.

De acordo com Smole (2003, p. 173), “o uso de materiais manipulativos pode auxiliar no desenvolvimento da linguagem matemática. Isto porque os alunos podem verbalizar e discutir ideias enquanto trabalham com o material”. O material manipulativo que escolhi para abordar o domínio da matemática foram as calculadoras Papy. Segundo Moura (2007, p. 61), “ao utilizar os instrumentos simbólicos, a criança irá incorporando novos conceitos para a solução do que lhe é proposto”.

As calculadoras Papy consistem numa série de placas divididos em quatro partes, cada uma com uma cor diferente e representa um valor numérico. Este material não é fácil para crianças com 5 anos de idade e, um dos comentários que me foram feitos, foi que consegui realizar questões bem formuladas, cálculos para todos os níveis mas para complementar tudo isso, deveria ter escrito no quadro os números que estavam representados tal como em algumas situações, as indicações das somas que estava a realizar.

Para desenvolver a Área do Conhecimento do Mundo, optei pela estratégia da realização de uma experiência isto porque segundo Sá (1994),

Para que se promovam os objetivos de educação científica, ao nível dos conceitos, processos e atitudes, importa reunir para as crianças um conjunto de condições e circunstâncias apropriadas. Trata-se do contexto de educação científica, que é constituído por equipamentos, materiais e atividades. (p. 62)

De acordo com Boaventura, Faria, Chagas e Galvão (2013, citados em Mestre, 2013), a maioria das crianças é capaz de se envolver em atividades científicas e de formular hipóteses, fazer observações e interpretações relativas ao trabalho experimental. Para este efeito, distribui a cada criança dois paus de madeira em que numa das pontas, um tinha um certo verde e o outro tinha uma cruz encarnada, e utilizei este material didático para obter as considerações prévias e no fim as conclusões, isto é, no início e no fim da atividade experimental coloquei a seguinte

questão “Açam que com esta experiência vamos conseguir formar cristais?” e após ter sido colocada as crianças levantavam o pau que achassem que tinha a resposta correta.

Existem diversos solutos que permitem a formação de cristais. Porém, visto que a atividade é para crianças tão pequenas, a escolha dos materiais teve em atenção à faixa etária, como já foi referido, à familiarização relativamente ao sal, apelativa como o corante alimentar e que fossem, de acordo com Sá (1994, p. 63), “facilmente manipuláveis sem porem em risco a sua segurança”.

De acordo com Eshach (2006 citado em Martins et al., 2009, p. 13), “a educação em ciências contribui para uma imagem positiva e reflectida da ciência” desta forma, é fundamental que o educador promova um ambiente em que as crianças possam apreciar a ciência e construir experiências positivas em relação á mesma, isto porque, o mesmo autor afirma que “as imagens se constroem desde cedo e a sua mudança não é fácil”.

Relativamente à Área do Conhecimento foi um dos pontos onde obtive mais críticas, isto porque, devido ao pouco tempo que tinha foi sempre eu que disse quais os materiais que as crianças iriam utilizar bem como a função dos mesmos. Por isso tenho de melhorar esse aspeto no sentido de deixar que sejam as crianças a dizerem o nome dos materiais bem como qual será a função dos mesmos.

Para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem á Escrita, nesta faixa etária, 5 anos, e devido ao método da Cartilha Maternal, a nossa função enquanto educadora, é ajudar as crianças a ler, incentivar e estimular as mesmas para o gosto da leitura, por isso é que as atividades deverão de ser lúdicas.

Campagnolo (1979, p. 11) considera que “a leitura pode ser considerada como um processo fundado na aptidão do leitor a estabelecer associações directas entre o sentido, a expressão gráfica e a expressão fónica dos componentes significativos”. Deste modo, a “aprendizagem da leitura depende estritamente da natureza do código escrito: a simplicidade da aprendizagem é função da simplicidade do código escrito”.

Neste domínio, a crítica construtiva foi não ter ouvido uma criança que, rapidamente, leu a palavra cristal, porque, mais uma vez, queria ser eu a falar e a dizer tudo. Às vezes, as crianças surpreendem-nos de forma muito positiva e conseguem dar-nos respostas que não esperamos.

Capítulo 2 – Planificações

2.1 Descrição do capítulo

Neste capítulo será abordado o tema da planificação, dividido em duas partes. Na primeira parte, irei apresentar uma breve fundamentação teórica relativa a este tema, com diversas definições de diferentes autores sobre o que é planificar e as suas finalidades.

Na segunda parte, serão apresentadas seis planificações relativas a algumas aulas dinamizadas por mim ao longo da prática pedagógica, no estágio, do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Todas as planificações aqui apresentadas obedecem às características do Modelo Clássico Adaptado.

Após à apresentação das planificações, será feita uma fundamentação teórica relativamente às estratégias e recursos utilizados.

2.2 Fundamentação teórica

Todas as planificações aqui apresentadas foram mostradas às educadoras titulares de cada grupo e às Orientadoras da prática pedagógica com antecedência, seguindo o Modelo Clássico Adaptado, como mostra o quadro 4, e serão fundamentadas cientificamente.

Quadro 4 – Planificação Modelo Clássico Adaptado

Escola Superior de Educação João de Deus Mestrado em Educação Pré-Escolar			
Escola: Orientadora cooperante: Faixa etária: Data: Duração:		Nome: Ano:.....Turma:.....N.º:	
Área de conteúdo:			
Componentes/ conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos

Esta planificação está sempre sujeita a alterações

As planificações não são, segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p.50), “meras propostas de ensino e aprendizagem”, porque vão incluir experiências formativas ou realmente vividas.

De acordo com Morgado (1997, p. 24), “o sucesso e a eficácia dos processos de ensino e aprendizagem estão obviamente relacionados com as atividades de suporte a esses processos, pelo que as opções estabelecidas no que respeita às atividades de aprendizagem contaminarão os resultados atingidos”. Por isso, as atividades devem ser planeadas pelos professores com tempo, isto é, a planificação é uma preparação antecipada de uma atividade de forma a atingir um objetivo.

Clark e Yinger (1979, citados em Zabalza, 2000) realizaram um estudo que consistiu em questionar, a vários professores, o motivo pelo qual planificaram. As respostas obtidas agrupavam-se em três categorias: os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais, os que planificam com um determinado objetivo para alcançar e os que planificavam para organizar melhor a turma e começar as atividades.

De acordo com Silva et al. (2016, p. 15), a realização de uma planificação implica que o educador faça uma reflexão sobre “as suas intuições educativas e as formas de as adequar ao grupo”, de forma a prever situações e/ou experiências de aprendizagem.

De acordo com Lusignan e Goupil (1993, citado em Santos & Lopes, 2015, p. 3), cada professor deverá “estabelecer a relação entre o programa da sua disciplina e os alunos, ou seja, entre o que tem de ensinar e a aprendizagem no contexto da sua sala de aula”.

Na mesma linha de pensamento, Clark e Peterson (1978, citados em Zabalza, 2000, p. 54), afirmam que “a função principal desempenhada pela planificação na escola é a de transformar e modificar o currículo para o adequar as características particulares de cada situação de ensino”.

Segundo Santos e Lopes (2015, p. 3), as decisões tomadas pelo professor durante todo o processo de planificar irá influenciar a aprendizagem dos alunos por isso, “é muito importante que o professor se dedique à sua elaboração com a antecipação necessária”.

Para Alves (2004, p. 77), planificar não é uma atividade fácil de realizar em que os professores têm de desenvolver um pensamento reflexivo em que tem de “questionar-se sobre as razões pelas quais propõem uma actividade em vez de outra”.

Durante o estágio profissional e na perspetiva do autor anteriormente referido, fui sentindo alguma dificuldade durante o planeamento das aulas, bem como na planificação das estratégias utilizadas. Não tendo experiência no terreno e, estando tão pouco tempo com as crianças, não possuo um diagnóstico das dificuldades de cada uma e, por isso, tento sempre que as estratégias proporcionem aprendizagens para a maioria das crianças de cada grupo.

Os educadores, ao planificarem, deverão ter em atenção as características de cada criança e do grupo, assim como o seu próprio ritmo de aprendizagem. Ao ter em atenção esse pormenor, a educadora, segundo Escudero (citado em Zabalza, 2000), pode prever, antecipadamente, as dificuldades que cada criança poderá sentir numa determinada atividade.

2.3 Planificação em quadro

2.3.1 Planificação de uma atividade na Área de Conhecimento do Mundo

Esta proposta de planificação (Quadro 5) enquadra-se na Área do Conhecimento e foi aplicada num grupo de crianças com três anos de idade numa das escolas onde realizei o estágio profissional II.

Quadro 5 – Planificação de uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo para os três anos de idade

Área de conteúdo: Conhecimento do Mundo			
Componentes/ conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Prevenção rodoviária: <ul style="list-style-type: none"> Sinais luminosos (carros e peões); Passadeiras; Sinais de informação; Sinais de obrigação; Sinais de proibição; Sinais de perigo. 	<ul style="list-style-type: none"> 30 Minutos 	<ul style="list-style-type: none"> Criar, previamente no ginásio, um percurso que contém um ponto de partida, estrada, sinais de trânsito, sinais luminosos, passadeiras e um ponto de chegada que será o nosso destino; Sentar as crianças de frente para o percurso; Colocar uma música sobre a Prevenção Rodoviária; Questioná-las sobre o que ouviram na música, sobre o que estão a observar e sobre qual o tema da aula; Exemplificar, com um pequeno grupo de crianças, como se realiza o percurso e, em simultâneo, ir explicando o significado de cada sinal e, no caso das passadeiras, como se atravessa; Explicar que não existem apenas os sinais presentes no percurso; Criar diferentes grupos de crianças em que, aleatoriamente, uns grupos serão carros e outros peões, posteriormente irão trocar e todas as crianças serão carros e peões; Distribuir a cada criança, que for representar os carros, um carro feito em cartão; Realizar o percurso que tem um ponto de partida e de chegada e quando chegam ao destino, as crianças, enquanto esperam pelos restantes colegas, estarão a desenhar num papel de cenário o percurso que realizaram; 	<ul style="list-style-type: none"> Estrada em feltro; Sinais luminosos; Passadeira; Sinais de trânsito: <ul style="list-style-type: none"> Sinal de informação: Passadeira; Sinal de obrigação: obrigatório seguir em frente; Sinal de proibição: sentido proibido; Sinal de perigo: sinalização luminosa;

Esta planificação está sempre sujeita a alterações

A educação rodoviária tem de ser explorada e deve ser abordada de forma séria e consciente, uma vez que é um tema importante para a segurança deles bem como para toda a sociedade. De acordo com Carvalho e Nunes (2012):

Poder-se-á definir a Educação Rodoviária como um processo de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de capacidades que visa a formação do cidadão, enquanto passageiro, peão e condutor. Pretende-se assim promover a integração segura do indivíduo em ambiente rodoviário, o que pressupõe uma atitude crítica e participativa que implica não só a escola e a comunidade educativa mas toda a sociedade. (p. 4)

A atividade foi desenvolvida no âmbito de uma avaliação da prática de estágio por parte da educadora titular, de duas Supervisoras da ESEJD, com a duração de 30 minutos. No final da atividade houve uma reunião para uma reflexão da minha parte bem como as opiniões das avaliadoras.

Para introduzir o tema da minha atividade, prevenção rodoviária, coloquei uma música permitindo que, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016, p. 54), “dar continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança”.

Quando optei por utilizar a música como primeira estratégia, não foi só com o intuito do bem-estar da criança como também contextualização, isto é, que através da letra da música as crianças fizessem a sua interpretação dizendo-me qual o tema da atividade.

Outra estratégia utilizada nesta atividade foi a criação de um percurso rodoviário, em que as crianças seriam carros e peões de forma a compreenderem melhor as regras. Nesta faixa etária, é importante, sempre que possível, que todas as atividades sejam práticas, pois compreenderão melhor o conteúdo quando o colocarem em prática.

A realização de um percurso foi planeado com dois objetivos a alcançar: trabalhar a convivência democrática e cidadania, pois segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016, p. 39), devemos proporcionar “uma efectiva igualdade de oportunidades entre rapazes e raparigas”, e saberem esperar pela sua vez enquanto os pequenos grupos estariam a realizar a atividade.

No geral, fiquei satisfeita visto que tinha conseguido realizar tudo a que me tinha proposto porém, após ouvir as várias opiniões, percebi que a atividade não tinha

sido bem conseguida, porque houve sempre um distanciamento para com as crianças e porque não dei ênfase aos variados sinais de trânsito que apresentei.

Apesar de ter recebido críticas construtivas, pelo menos assim as aceitei, decidi colocar esta planificação neste Relatório de estágio, não só porque gostei de preparar, planificar e apresentar esta atividade mas também porque acho importante apresentar uma proposta de atividade que não tenha corrido da maneira mais correta.

2.3.2 Planificação de uma atividade na Área da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo

Esta atividade, realizada num contexto de atividades diárias durante um dia inteiro, das 9h às 15h30m, foi muito desafiante para mim, visto que tinha realizado outra atividade, no âmbito da prática de estágio avaliada e que não tinha corrido como planeado. Como tal, empenhei-me muito para planificar esta atividade de forma diferente reflectindo sobre aspectos e dimensões que não tinham cumprido os objetivos propostos.

A planificação aqui apresentada (Quadro 6) foi realizada num grupo de crianças de 3 anos e enquadra-se nas áreas da Expressão e Comunicação e do Conhecimento do Mundo.

Quadro 6 – Planificação de uma atividade nas Áreas da Expressão e Comunicação e do Conhecimento do Mundo para os três anos de idade

Área de conteúdo: Área da Expressão e Comunicação			
Componentes/ conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Estimulação à leitura A praia: <ul style="list-style-type: none"> Bandeiras (amarela, encarnada, verde, azul e preta e branca) Conjuntos Expressão plástica 	<ul style="list-style-type: none"> 9h30 – 10h 10h – 11h 14h – 14h15 14h15 – 15h30 	<ul style="list-style-type: none"> Sentar as crianças no tapete; Contar uma história, <i>Titasko vai à praia em segurança</i>, da coleção Segurança infantil. Dialogar com as crianças sobre os cuidados a ter com o sol, a importância de bebermos muita água e o que fazerem se se perderem; Explicar o que é um mastro, a importância das bandeiras e o significado de cada uma sendo que, as relacionadas com o mar (amarela, encarnada e verde) fazer a associação com as cores do semáforo e as respetivas atitudes; Formar uma roda e simular, consoante a bandeira colocada no mastro, as atitudes que devemos de ter perante a cor da bandeira. Distribuir a cada criança, aleatoriamente e com a ajuda das mesmas, uma bandeira, uma linha fronteira, um cardinal, um copo com os algarismos e letras móveis; Formar, à vez, cinco conjuntos com as diferentes cores das bandeiras da praia. As crianças colocam o cardinal, a letra e o número associado à quantidade de bandeiras dentro de cada conjunto. Distribuir a cada criança uma proposta de trabalho (desenho de uma bandeira); Colocar em cada mesa, um prato com tinta e cotonetes; Utilizar o cotonete como pincel e pintar a bandeira; 	<ul style="list-style-type: none"> História <i>Titasko vai à praia em segurança</i>, da coleção segurança infantil. Cinco bandeiras da praia; Mastro; Mar; Bandeiras impressas e plastificadas; Linha fronteira; Cardinal, algarismos e vogais móveis; Proposta de trabalho; Cotonetes e tintas;

Esta planificação está sempre sujeita a alterações

O conteúdo das cores das bandeiras da praia é muito importante, pois quando frequentamos uma praia temos que verificar sempre quais os comportamentos que devemos de ter perante a cor das bandeiras.

Quando optei por contar a história foi com o intuito de introduzir o tema da minha atividade para associar ao Conhecimento do Mundo.

A história utilizada é uma representação possível do real deste modo e, segundo Bastos (1999, p. 128), “alarga as experiências de vida, permite o contacto com os pontos de vista variados, com diferentes formas de encarar e resolver problemas, com temas essenciais ligados ao eu individual e social”.

Contar uma história é um ato importante para as crianças, porque, de acordo com Bastos (1999, p. 121), “o essencial é esta “fatia” de história ou de “vida” que concentra em si todos os elementos capazes de despertar o interesse e a inequívoca adesão do leitor.

Para trabalhar a Área do Conhecimento do Mundo, visto que as férias de verão estavam para breve e o tempo já estava quente, aproveitei algumas vivências das crianças para abordar o tema.

Todos sabemos que, perante as alterações climáticas, não é só nas férias de verão que podemos ir à praia, muita gente, nos dias de hoje, até no inverno a frequentam. Porém, reforcei a ideia que, por norma, é no verão que as praias são vigiadas e ainda assim temos sempre que verificar a cor das bandeiras.

Para desenvolver o domínio da Matemática, usei materiais não estruturados para a realização de conjuntos. De acordo com Hole (1997, citado em Caldeira, 2009, p. 16), “o material não estruturado surge como aquele que na sua génese não apresenta uma preocupação em corporizar estruturas matemáticas”. Porém, não é por não serem materiais essencialmente associados à matemática, que não deixam de ser considerados como materiais didáticos isto porque, segundo Lorenzato (2006, citado em Caldeira, 2009, p. 16), considera o material didático como “qualquer instrumento útil ao processo de ensino-aprendizagem”.

Segundo Prado (1998, citado em Caldeira, 2009, p. 17), os materiais didáticos são fundamentais para a aprendizagem isto porque “o material ao ser observado, manipulado e explorado provoca o desenvolvimento e formação de determinadas capacidades, atitudes e destrezas”. Para esta atividade, as capacidades e destrezas

que as crianças trabalharam foram a coordenação motora, a atenção e a concentração.

Na Área da Expressão e Comunicação, no Domínio da Expressão Artística, mais especificamente no subdomínio das Artes visuais, realizei um trabalho de expressão plástica com o objetivo de desenvolver a motricidade fina. Serrano e Luque (2015, p. 14) afirmam que a motricidade fina “é a maneira como usamos os nossos braços, mãos e dedos. O que inclui alcançar, agarrar e manipular objetos”. O desenvolvimento da motricidade fina, para os mesmos autores, é a interação da criança com o meio que as envolve quando se relaciona com objetos e usa ferramentas.

A proposta de trabalho relacionada com a expressão plástica consistia em pintar uma bandeira com tinta através de um cotonete. A escolha do cotonete como “pincel” tinha como objetivo, já referido anteriormente, trabalhar a motricidade fina. Para ser mais específica, a manipulação na mão, ou seja, agarrá-lo e posicioná-lo corretamente para pintar; o uso bilateral das mãos em que a criança tinha de agarrar e pintar com o cotonete e, com a outra mão, segurar a folha para não cair.

De um modo geral, todas as atividades desenvolvidas nesta planificação correram bem, mas houve estratégias que, após por em prática e com a opinião da educadora, realizaria de forma diferente.

2.3.3 Planificação de uma atividade na Área da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo

Esta proposta de planificação (Quadro 7) enquadra-se na Área de Expressão e Comunicação e na Área do Conhecimento do Mundo. Foi aplicada num grupo de crianças com quatro anos de idade em contexto de avaliação por parte da Equipa de Prática Pedagógica, na escola onde realizei o estágio profissional I.

Antes de realizar qualquer atividade, antecipadamente, temos que falar com as educadoras titulares de forma a sabermos qual o tema do Conhecimento do Mundo que iremos abordar em qualquer atividade que nos propomos a realizar.

Logo, para a realização desta atividade não foi diferente e a educadora deu-me o tema: animais mamíferos, à minha escolha, tendo optado pela vaca.

Quadro 7 – Planificação de uma atividade na Área da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo para os quatro anos de idade

Área de Expressão e Comunicação e Área de Conhecimento do Mundo			
Componentes/ Conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita <ul style="list-style-type: none"> Estimulação à leitura Consciência fonológica Domínio da matemática <ul style="list-style-type: none"> Operações numéricas Animais mamíferos <ul style="list-style-type: none"> A vaca 	<ul style="list-style-type: none"> 60 minutos 	<ul style="list-style-type: none"> Colocar as almofadas no chão, no cantinho da leitura, para as crianças se sentarem; Ler e interpretar a história "Estrelinha e a corrida mais lenta"; Questionar as crianças e explicar-lhes o significado das seguintes palavras: pastar e trotava; Dialogar com as crianças sobre o animal, vaca, questionando-os sobre o que sabem à cerca deste animal e de seguida explicar alguns conteúdos, com auxílio de algumas imagens: <ul style="list-style-type: none"> O aspeto físico (focinho, cascos, cornos, corpo, cauda e tetas); Mamífero, o seu habitat, a sua alimentação, o leite e os seus derivados; Ensinar uma lengalenga; Levantar e ir para os respetivos lugares nas mesas; Dar a provar leite e tostas pequenas com manteiga; Colocar, previamente, no centro da mesa, um recipiente de plástico onde estarão as palhinhas. Cada palhinha terá uma imagem de uma vaca para facilitar o raciocínio; Realizar operações numéricas, a adição e a subtração, com as palhinhas; Distribuir uma proposta de trabalho em que têm de fazer a ligação de algarismos de 1 a 10, de forma a completar o corpo da vaca e, de seguida, preencher os espaços colorindo. 	<ul style="list-style-type: none"> Almofadas História "Estrelinha e a corrida mais lenta" (Correio da manhã 2016) Imagens impressas Leite, copos de plástico e tostas com manteigas Palhinhas personalizadas com uma imagem de uma vaca; Proposta de trabalho

Esta planificação está sujeita a alterações

Como introdução desta atividade optei como começar a desenvolver o Domínio da Linguagem Oral contando uma história. De acordo com Silva et al. (2016, p. 6), este Domínio é muito importante na educação pré-escolar porque é “um instrumento de expressão e comunicação que a criança vai progressivamente ampliando e dominando”.

De seguida, após a leitura e uma pequena interpretação da história, comecei a desenvolver a área do Conhecimento do Mundo, com auxílio de uma vaca desenhada em K-line e com imagens reais em tamanho A3.

Posteriormente, ensinei uma lengalenga ao grupo, com o auxílio de um A3 que continha frases com palavras e imagens para que todas as crianças conseguissem ler juntamente comigo. De acordo com Coelho (1919, citado em Bastos, 1999), as lengalengas são jogos de palavras em que o ritmo e a consonância são muito importantes, tornando-as pedagógicas.

O objetivo de ensinar uma lengalenga foi de proporcionar um ambiente dinâmico de interação, isto é, segundo Bastos (1999, p. 95) “o contacto adulto-criança e nas relações inter-crianças e destas com o mundo”.

Após a lengalenga, as crianças dirigiram-se para os seus lugares onde ocorreu a prova de leite e manteiga, visto serem dois exemplos de derivados da vaca.

O leite e a manteiga são alimentos que, geralmente fazem parte da alimentação das crianças. Porém, nem todas gostam ou tenham experimentado. Por isso, como a minha atividade tinha como tema a vaca e tinha falado de alguns alimentos que a vaca nos pode dar, achei que seria pertinente dar a provar o leite e a manteiga para que as crianças tivessem a oportunidade de, segundo Post e Hohmann (2003, p. 220), “explorar novos sabores, cheiros e texturas”.

No Domínio da Matemática, escolhi as palhinhas como material estruturado de forma a trabalhar diversas operações numéricas.

Os conceitos matemáticos adquiridos, nos primeiros anos de idade, irão influenciar, positivamente, as aprendizagens futuras e, por isso, nesta fase, a matemática é tão importante.

Todas as crianças têm o seu ritmo de aprendizagens e capacidades distintas. Deste modo, é necessário, segundo Caldeira (2009), considerar três aspectos tais como: criar várias estratégias que ajudem as crianças a compreender os conceitos, criar situações associadas aos seus interesses e vida do dia a dia, de modo a estimular as crianças para as aprendizagens bem como o gosto e o interesse pela mesma e realizar vários exercícios matemáticos.

Escolhi este material porque é de fácil acesso e manuseamento e também porque serviu de suporte à contagem em caso de não obterem uma resposta de cálculo mental.

2.3.4 Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo

No dia 17 de novembro, o grupo de 24 crianças com 4 anos de idade, foi da minha responsabilidade e como tal, tive que por em prática atividades para todas as Áreas de conteúdo. Para que as atividades resultassem, foram planeadas antecipadamente com o conhecimento da educadora titular e tendo em conta as rotinas diárias das crianças.

Existe uma atividade curricular que ocorre de três em três semanas, a cerâmica, e neste dia, era dia de cerâmica. Esta atividade tem a duração de 1 hora no total, porém, os professores não levam o grupo todo mas sim metade, à vez, sendo que cada grupo fica 30 minutos a realizar a atividade. Desta forma, dividi o grupo em

dois mais pequenos e das 11h às 11h30m foi um grupo e das 11h30m ao 12h foi o outro grupo com as restantes crianças.

As crianças que não estavam presentes na cerâmica ficaram comigo a realizar o jogo da memória e a ouvir uma história.

Quadro 8 – Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo para os 4 anos de idade

Área de conteúdo: Área da Expressão e Comunicação e Área de Conhecimento do Mundo			
Componentes/ conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Operações numéricas • Organização e tratamento de dados • Estimulação à leitura • Higiene pessoal 	<ul style="list-style-type: none"> • 9h30 – 10h30 • 10h30 – 11h • 11h – 12h • 12h – 14h • 14h – 15h30 	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuir um pictograma em feltro pelo grupo (solicitando a ajuda das crianças); • Solicitar às crianças que lancem um dado com as faces das seis primeiras cores do Cuisenaire; • Preencher o pictograma com imagens de patos de borracha consoante a cor que sair no dado; • Colocar questões às crianças para a interpretação do pictograma; • Realizar operações numéricas; • Realizar a higiene com as crianças, distribuir o pão/bolachas e recreio; • Contar uma história; • Realizar o jogo da memória; • Almoçar; • Explicar a importância da higiene pessoal bem como todas as fases para realizar a nossa higiene pessoal, com o auxílio de um nenuco (dar banho a um nenuco); • Entrega de uma proposta de trabalho; 	<ul style="list-style-type: none"> • Pictograma em feltro; • Imagens de patos de borracha; • História • Imagens de objetos relacionados com a higiene; • Nenuco, banheira e produtos essenciais da higiene pessoal. • Proposta de trabalho

Esta planificação está sempre sujeita a alterações

Iniciei este dia a trabalhar o Domínio da Matemática, utilizando materiais não estruturados para a construção de um pictograma e, de seguida, interpretei os dados. De acordo com Silva et al. (2016, p. 78), a organização e tratamento de dados vai permitir “dar resposta a questões colocadas, recorrendo a metodologias adequadas”.

De forma a desenvolver o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita escolhi duas estratégias. A primeira estratégia realizada foi a leitura de uma história, mais especificamente *Hora do banho, titó* do livro *É limpinho* de Marta Cancela.

A leitura de histórias na Educação Pré-Escolar deverá de ser uma prática obrigatória e regular, visto que têm como objetivo promover a leitura. Magalhães (2008) refere que:

junto da faixa etária dos 3 aos 6 anos, é determinante uma propedêutica do acto de ler. Esta deve visar a aquisição de algumas das competências fundamentais ao acto de ler: o desenvolvimento das competências linguísticas e sociolinguísticas; o progressivo domínio espaço-temporal; o treino da capacidade de concentração; a exercitação da memória. (p. 61)

Lopes (2006, p. 64) defende que “ler para alguém, e em particular para crianças, constitui uma das mais poderosas formas de desenvolver no sujeito que ouve comportamentos pró-leitores”.

Os educadores são vistos como exemplos a seguir por parte das crianças, como tal a forma como interpretamos uma história, as inflexões de voz e a boa entoação que realizamos, a expressão facial, o suspense, são tudo estratégias realmente importantes que devemos de ter em conta sempre que lemos ou contamos uma história às crianças.

A segunda estratégia que escolhi para desenvolver o Domínio Oral e Abordagem à Escrita foi o jogo da memória com antónimos.

O jogo tradicional da memória consiste em ter as imagens viradas para baixo e encontrar o par exatamente igual porém, o jogo da memória que realizar com o grupo tinha como tema os antónimos em que as crianças teriam de encontrar a imagem contrária, por exemplo, uma imagem de uma torneira aberta, o seu par seria uma imagem de uma torneira fechada. Todas as imagens eram relacionadas com o conteúdo a ser abordado no Conhecimento do Mundo, a higiene pessoal, e tinham a palavra escrita por baixo da imagem.

Quando optei por realizar este jogo da memória com antónimos, foi com o objetivo de ser lúdico mas em simultâneo educacional pois introduzi novos vocábulos e, de acordo com Caldeira (2009, p. 53), o jogo tem um valor educacional mas também é utilizado como recurso pedagógico e o “educador utiliza-o no processo de ensino-aprendizagem”.

A estratégia escolhida para abordar o conteúdo do Conhecimento do Mundo, a higiene pessoal, e para cativar e motivar as crianças foi a utilização de um nenuco como objeto principal e realizámos através dele todos os passos para termos uma boa higiene pessoal, ou seja, com a ajuda das crianças demos banho a um nenuco, secámos-lo, colocamos creme, vestimo-lo, penteámos-lo, lavamos os dentes, limpámos as orelhas com cotonetes e os olhos com compressas e soro e cortámos as unhas.

Na Educação Pré-Escolar é importante que as crianças experienciem várias atividades, sejam elas lúdicas ou não, o importante é que o conhecimento esteja presente, mas também que sejam reais e com isso ajudar na construção do conhecimento. Zabalza (1987) afirma que:

Na linha perfilhada para abordar a educação infantil e as experiências de aprendizagem que têm lugar no seu seio, o sentido geral da acção didática não é tanto o adquirir novos conhecimentos, como o de produzir um desenvolvimento integral. Desenvolvimento que inclui, certamente, a aquisição de novos conhecimentos, embora dentro de um conjunto muito mais amplo de elementos. (p. 161)

Eshach (citado em Martins et al., 2009, pp.12-13) salienta ainda “o gosto genuíno das crianças pela observação e interpretação dos fenómenos que observam no seu quotidiano”. Este autor defende também a necessidade de se desenvolver a capacidade de observação das crianças e a vivência de situações que respondam e alimentem a sua curiosidade e interesse pela exploração do mundo.

Segundo Agüera (2008, p. 6), “a melhor matéria-prima que podemos dar às crianças como objeto da sua imaginação é uma grande variedade de experiências da vida real e informação sobre as mesmas”. Na mesma linha de pensamento, Zabalza (1987, p. 190) afirma que o uso de objetos utilizados no quotidiano das crianças irão enriquecer o campo de estímulos, isto porque, segundo o autor, “a criança entra em contacto com cores, texturas, dimensões, estruturas, combinações, peso temperaturas, etc. (...) todos os sentidos são postos em jogo”.

2.3.5 Planificação de uma atividade Área da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo

Esta proposta de planificação (Quadro 9) enquadra-se na Área de Expressão e Comunicação e na Área do Conhecimento.

Foi aplicada num grupo de crianças com quatro anos de idade em contexto de avaliação por parte da Equipa de Prática Pedagógica, na escola onde realizei o estágio profissional II tendo a duração de uma hora.

Os temas do Conhecimento do Mundo que nós estagiárias abordamos nas atividades de dia inteiro ou em contexto de avaliação pela equipa de prática pedagógica, é nos sugerida pela educadora titular do grupo. Neste caso, não foi diferente, a educadora informou-me, naquela altura, as crianças estavam a abordar o tema das profissões e deixou-me à vontade para escolher a que pretende-se abordar como tal optei pelo pasteleiro.

Quadro 9 – Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo para os cinco anos de idade

Área de conteúdo: Área da Expressão e Comunicação			
Componentes/ conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Consciência fonológica e de palavra Adição e leitura de números Profissões: o pasteleiro 	<ul style="list-style-type: none"> 60 minutos 	<ul style="list-style-type: none"> Dinamizar da palavra <i>pasteleiro</i>; Distribuir um saco com letras móveis, escreverem a palavra <i>pasteleiro</i> e de seguida, criarem novas palavras; Distribuir a cada criança, com a ajuda das mesmas, uma proposta de trabalho. Realizar a mesma enquanto um grupo de crianças está na <i>Cartilha Maternal</i>; Colocar, previamente em cima das mesas, as caixas de calculadores multibásicos; Retirar as placas dentro da caixa e lembrar para não arrastarem as placas bem como as regras necessárias para trabalhar este material; Realizar problemas com subtração e divisão e a leitura de números da placa do resultado; Pedir para arrumar o material dentro da caixa e colocar debaixo da mesa; Cantar uma música enquanto distribuo, com a ajuda das crianças, os chapéus e os aventais de pasteleiro e colocar papel vegetal nas mesas; Explicar a profissão de pasteleiro; Distribuir a cada criança uma caixa de cartão que contém: mini bolo (previamente confeccionado por mim) e duas pequenas caixas em que cada uma terá chocolate e decorações para decorarem o bolo a sua maneira. 	<ul style="list-style-type: none"> Letras móveis; Proposta de trabalho; <i>Cartilha Maternal</i>; Calculadores multibásicos; Comboio impresso em A3 para ajudar na leitura de números; Chapéus e aventais de pasteleiro; Mini bolos; Decoração para bolos; Chocolate;

Esta planificação está sempre sujeita a alterações

Coloquei a palavra *pasteleiro* no quadro, em tamanho grande, e realizei várias questões nomeadamente relacionadas com o método de leitura, *Cartilha Maternal* e com o objetivo de trabalhar a consciência fonológica. De acordo com Silva et al. (2016):

A consciência fonológica está também relacionada com a aprendizagem da leitura, podendo considerar-se que esta relação é recíproca e interativa, pois tanto a capacidade de análise oral é importante para o processo de codificação da escrita, como este promove o desenvolvimento de níveis de análise fonológica cada vez mais elaborados. (p. 64)

A estratégia de dinamização de uma palavra passa por estabelecer uma relação recíproca na medida em que eu colocava as questões e as crianças responderam e uma relação interativa pois não se trata da utilização da *Cartilha Maternal* em si, mas das regras que nela são ensinadas e que depois são aplicadas para lermos uma palavra.

Para trabalhar a consciência fonológica, utilizei estratégias como: a identificação do número de sílabas da palavra e que referissem outras palavras que acabassem ou comesçassem por uma determinada letra.

Para além da consciência em cima referida, trabalhei também as regras ensinadas através da *Cartilha Maternal*.

Os educadores, ou estagiárias, neste caso, tem de criar atividades facilitadoras e estimulantes para que as crianças estejam familiarizadas com o código escrito deste modo, escolhi as letras móveis para esse efeito.

Quando solicitei que escrevessem a palavra dinamizada foi uma tarefa consideravelmente fácil visto que tinha a palavra *pasteleiro* colada no quadro. Porém, acabou por se tornar um processo mais complexo quando pedi para criarem novas palavras com as letras que tinham no saco, tive o cuidado de nunca desvalorizar e deixar de incentivar as crianças nas suas tentativas de escrita.

De acordo com Deus (1997, p. 15), “João de Deus não concordava com métodos Logográficos”, ou seja, não concordava que a leitura e a escrita fossem ensinadas em simultâneo, mas deveram seguir paralelamente, numa mesma aula. Desta forma, o Método João de Deus é um processo sério e gradual.

Depois da dinamização da palavra *pasteleiro* e das crianças terem criado novas palavras com as letras móveis, distribui uma proposta de trabalho, expliquei-a, certifiquei-me de que todo o grupo tinha compreendido e com um pequeno grupo de crianças, escolhidos pela educadora titular da sala, dei uma lição de Cartilha.

Segundo Ruivo (2006, p. 6), no método João de Deus, as lições são dadas a grupos de três ou quatro crianças porque “torna as lições mais vivas e equilibra em interacção o comportamento individual de cada aluno”, ou seja, as crianças mais extrovertidas irão desinibir as crianças mais tímidas.

Como referido anteriormente, a leitura e escrita não funcionam em simultâneo por isso, realizei uma proposta de trabalho adequadas a todas as crianças e, de seguida, fui com um grupo de três crianças à Cartilha Maternal.

2.3.6 Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e Área do Conhecimento do Mundo

A planificação aqui apresentada (Quadro 10) foi realizada num grupo de crianças de 5 anos e enquadra-se nas áreas da Expressão e Comunicação e do Conhecimento do Mundo.

No dia 19 de janeiro, o grupo de crianças com 5 anos de idade foi da minha responsabilidade. Como tal, planeiei atividades para todas as Áreas de conteúdo. Para que as atividades resultassem, foram planeadas antecipadamente com o conhecimento da educadora titular e tendo em conta as rotinas diárias das crianças.

Quadro 10 – Planificação de uma atividade na Área de Expressão e Comunicação e Área do Conhecimento do Mundo para os cinco anos de idade

Área de conteúdo: Área da Expressão e Comunicação e Área de Conhecimento do Mundo			
Componentes/ conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Adição, subtração e leitura de números Consciência fonológica e de palavra Flutua ou não flutua 	<ul style="list-style-type: none"> 9h30 10h30 – 11h 11h – 12h 12h – 14h 14h – 15h30 	<ul style="list-style-type: none"> Colocar, previamente em cima das mesas, sacos com o <i>tangram</i>; Retirar o material dentro das caixas e relembrar as regras necessárias para o trabalhar; Realizar as seguintes construções: quadrado e o barco e colocar problemas de adição e subtração Realizar a higiene com as crianças, distribuir o pão/bolachas e recreio; Distribuir um saco com letras móveis; Realizar um ditado ortográfico da palavra flutuar no quadro e em simultâneo as crianças acompanham o exercício com as letras móveis; Distribuir a cada criança, com a ajuda das mesmas, uma proposta de trabalho. Realizar a mesma enquanto um grupo de crianças está na Cartilha Maternal; Almoçar; Solicitar a ajuda das crianças para a distribuição de um protocolo experimental; <ul style="list-style-type: none"> Registar as ideias prévias das crianças; Identificar os materiais a ser utilizados; Explicar as fases do procedimento e realizar a atividade experimental; Registar os resultados da experiência e comparar com as previsões; Realizar as conclusões; Sistematizar o que as crianças aprenderam com a atividade; Questionar o grupo sobre novas experiências que gostariam de realizar numa próxima atividade experimental. 	<ul style="list-style-type: none"> Tangram; Letras móveis; Proposta de trabalho; Cartilha Maternal; Recipientes com água; Rolhas de cortiça; Maças; Garrafas de água cheias e vazias; Colheres de metal e plástico; Rolos de papel; Tampas de plástico; Algodão;

Esta planificação está sempre sujeita a alterações

O tema “flutua ou não flutua” foi o centro de todas atividades para todos os Domínios. Para trabalhar o Domínio da Matemática, obtive pelo material matemático Tangram. Este material é um puzzle constituído por um quadrado, dois triângulos grandes geometricamente iguais, dois triângulos pequenos geometricamente iguais, um paralelogramo e um triângulo de tamanho médio. Segundo Ferreira (2011, p. 28), “para além da criatividade e imaginação, as crianças desenvolvem capacidades de visualização, perceção figura-fundo, constância perceptual e sentido espacial”.

Previamente, coloquei os sacos com as peças do Tangram em cima de cada mesa. De seguida, iniciei a atividade contando a lenda do Tangram construindo assim o quadrado que na lenda representa o espelho da princesa. Para dar seguimento a atividade neste Domínio e para associar ao meu tema central realizei a construção do barco, realizando alguns cálculos de adição e subtração e para terminar entreguei uma proposta de trabalho em que as crianças teriam de contornar as peças e de seguida pintar.

Para trabalhar o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, escolhi a estratégia de ditado ortográfico da palavra flutuar de forma a iniciar a atividade, ou seja, no quadro coloquei todas as letras existentes na palavra e através das regras da Cartilha construímos a palavra.

Em simultâneo as crianças tiveram no seu lugar um saco de letras móveis que formavam a mesma palavra o que solicitei que o fizessem. Certifiquei-me de que todas tinham escrito bem a palavra e de seguida pedi para, com as letras que tinham, criarem novas palavras. Segundo Ruivo (2009, p. 353), as letras móveis são um material de grande valor pedagógico, pois permitem “aceder à construção e desconstrução de palavras, à construção de novas palavras através de sílabas de uma palavra dada e até à construção de frases quer sejam ditadas quer sejam copiadas”.

Silva et al. (2016, p. 67) defendem que o papel do educador é fundamental para a criança trabalhar e compreender a escrita e este deve “(...) proporcionar o contacto com diversos tipos de texto escrito que levem a criança a compreender a necessidade e as funções da escrita, favorecendo também a emergência dos conhecimentos sobre o código escrito e as suas convenções”.

Desta forma, as atividades escritas estejam inseridas nas diversas estratégias escolhidas pela educadora. Os ditados e as cópias são dois exemplos de atividades escritas que vão incentivar à prática da escrita e ao alargamento do léxico.

Por fim, distribui uma proposta de trabalho a cada criança, com a ajuda das mesmas, que realizaram enquanto fui com um grupo à cartilha. A educadora escolheu 3 crianças para eu rever a 17.º lição, letra “r”.

Na Cartilha Maternal estão incluídas 25 lições. Cada letra consoante tem uma mnemónica e são ordenadas em função do seu número de valores. Assim, “o método explica as regras de uma forma organizada, sistemática e rigorosa o que facilita ao professor e ao aluno o ultrapassar de dificuldades que, se não se apresentam na leitura, acabam por emergir na escrita” (Ruivo, 2009, p. 124).

De acordo com Thouin (2010, p. 9), “qualquer criança sente a necessidade de compreender e explicar o mundo que a rodeia: os objetos leves flutuam e os objetos pesados afundam-se”. A água é um elemento fundamental à vida e está presente na maioria das atividades do nosso dia a dia, desta forma realizar experiências com a água “proporcionam às crianças um grande número de explorações informais: quando brincam com objetos diferentes no banho e vêem que uns flutuam e outros não (...)” (p.25).

Deste modo, iniciei a minha tarde de atividades com a Área do Conhecimento do Mundo e a estratégia escolhida foi a realização de uma atividade experimental com o tema “Flutua ou não flutua?”.

Antes de iniciar a atividade experimental, distribui, com a ajuda das crianças, um protocolo a cada criança.

De seguida, solicitei às crianças que realizassem as previsões, isto é, que identificassem, consoante as opiniões pessoais, que objetos iriam ou não flutuar. Segundo Martins et al. (2009), as previsões vão facilitar o educador à adaptação de recursos e estratégias ou atividades.

Após elaboração das previsões, dirigi-me com as crianças ao refeitório onde iniciei o procedimento da experiência. Optei pelo refeitório por ter mesas compridas de forma a todos poderem visualizar melhor todos os procedimentos.

O procedimento da experiência consistia na colocação de vários objetos dentro de um recipiente com água. Foram as crianças que realizaram essa tarefa. Segundo Martins et al. (2009, p. 21), “a participação ativa das crianças em todas as fases do desenvolvimento das atividades favorece o seu entusiasmo, dado que gostam naturalmente de mexer, experimentar e observar as consequências das suas ações”.

Quando a experiência terminou, regressámos à sala e solicitei ao grupo que realizasse os resultados. Nos quadros de ardósia da sala, coloquei uma cartolina com as previsões e outra com os resultados das crianças de forma a realizar a comparação entre ambos. Por fim, realizámos as conclusões e questioneei o grupo sobre experiências futuras que gostariam de realizar.

Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação

3.1 Descrição do capítulo

Neste capítulo, irei apresentar os dispositivos de avaliação, que utilizei no estágio profissional em Educação Pré-Escolar.

Este capítulo encontra-se dividido em 4 partes: a fundamentação teórica do mesmo, a contextualização de cada atividade realizada, a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação e a apresentação e análise de resultados.

As atividades realizadas e posteriormente avaliadas corresponderem às seguintes áreas: Domínio da Matemática, Conhecimento do Mundo e Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Em cada dispositivo de avaliação, utilizei a seguinte escala de forma a analisar o gráfico: insuficiente (0 a 3,9 valores), suficiente (4 a 5,9 valores), bom (6 a 7,9 valores) e muito bom (8 a 10 valores).

3.2 Fundamentação teórica

O conceito de currículo vai englobar todas as experiências da criança que são planeadas e realizadas pela escola e, de acordo com Rodrigues (1993), o currículo engloba também o resultado da implementação das planificações. Desta forma, segundo Leite e Fernandes (2002):

A avaliação, não existe, pois, de modo isolado nem tão pouco é um processo neutro. Ela depende e simultaneamente determina as concepções de educação e de currículo que existem como regentes e os papéis que são atribuídos à escola e à formação em geral. (p. 11)

Para Cardinet (1993, p. 26), “a avaliação só poderá desempenhar o seu papel regulador se a organização escolar for suficientemente flexível para permitir que os alunos prossigam os seus estudos independentemente uns dos outros”.

Existem diversos tipos e métodos de avaliação. Porém, todos têm uma grande importância visto que, segundo Fernandes (2002, p. 68), “ocupam uma grande parte do tempo e esforço de alunos e professores, salientando que aquilo que é valorizado e avaliado na escola vai influenciar não só os resultados escolares dos alunos, mas também a sua motivação”.

De acordo com Cardinet (1993), a avaliação pode desempenhar diversas funções, tais como: melhorar as condições das aprendizagens, melhorar o processo

de aprendizagem e melhorar o resultado da aprendizagem. Desta forma, para Ribeiro e Ribeiro (1990):

a avaliação é, assim, uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, permitindo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem (p. 338)

Segundo Estanqueiro (2010), avaliar é mais do que atribuir uma nota e na mesma linha de pensamento, para Perrenoud (citado em Estanqueiro, 2010, p. 83), “é a avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar”.

A avaliação na Educação Pré-Escolar vai assumir, como está patente na Circular n.º 4/DGIDC/2011, “uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando” (p.1).

É fundamental que as crianças tenham vários momentos de avaliação para aplicarem os conhecimentos que foram adquirindo e receberem o *feedback* das suas dificuldades e/ou progressos alcançados.

A Educação Pré-Escolar, de acordo com Silva et al. (2016, p. 15), “não envolve nem classificação da aprendizagem da criança, nem o juízo de valor sobre a sua maneira de ser”, isto porque o importante é valorizar as formas de aprender das crianças bem como os seus progressos.

Os mesmos autores referem ainda que “avaliar os progressos das crianças consiste em comparar cada uma consigo própria para situar a evolução da sua aprendizagem ao longo do tempo” (p.15).

3.3 Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

3.3.1 Contextualização da atividade

A atividade da área do Conhecimento do Mundo foi realizada na sala dos 4 anos, com 24 de 25 crianças. Esta atividade consiste em explorar a identificação de objetos e a motricidade fina das crianças.

Nesta proposta de trabalho, as crianças teriam de se manter concentradas para identificarem os objetos e pintá-los de acordo com as indicações dadas e sem saírem

da linha de limite da figura. Em anexo encontra-se esta proposta de atividade (anexo 1).

3.3.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificação dos objetos que as crianças utilizam para lavar os dentes: neste parâmetro pretende-se que as crianças observem as imagens e consigam identificar os objetos que utilizamos para lavar os dentes com a cor azul.

Os critérios estabelecidos foram: identifica corretamente 3 objetos; identifica corretamente 1 a 2 objetos; não identifica os objetos ou resposta incorreta.

Identificação dos objetos que as crianças utilizam para cuidar do cabelo: neste parâmetro pretende-se que as crianças observem as imagens e consigam identificar os objetos que utilizamos para cuidar do cabelo com a cor verde.

Os critérios estabelecidos foram: identifica corretamente 1 objeto; não identifica o objeto ou resposta incorreta.

Identificação dos objetos que as crianças utilizam para lavar o corpo: neste parâmetro pretende-se que as crianças observem as imagens e consigam identificar os objetos que utilizamos para lavar o corpo com a cor amarela.

Os critérios estabelecidos foram: identifica corretamente 3 objetos; identifica corretamente 2 objetos; identifica corretamente 1 objeto; não identifica os objetos ou resposta incorreta.

Identificação dos objetos que as crianças utilizam para cuidar do corpo: neste parâmetro pretende-se que as crianças observem as imagens e consigam identificar os objetos que utilizamos para cuidar do corpo com a cor-de-rosa.

Os critérios estabelecidos foram: identifica corretamente 2 objetos; identifica corretamente 1 objetos; não identifica os objetos ou resposta incorreta.

Motricidade Fina: a finalidade neste parâmetro é que as crianças pintem as imagens apresentadas, respeitando as linhas limite.

Os critérios estabelecidos foram: pinta corretamente todas as imagens, respeitando as linhas de limite; pinta corretamente 5 ou mais imagens, respeitando as linhas de limite; não pinta ou resposta incorreta.

Quadro 11 – Parâmetros, critérios de avaliação e cotações na proposta de atividade da Área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios de avaliação		cotação
1. Identificação dos objetos que as crianças utilizam para lavar os dentes	1.1. Identifica corretamente 3 objetos	2	2
	1.2. Identifica corretamente 1 a 2 objetos	1	
	1.3. Não identifica os objetos ou resposta incorreta	0	
2. Identificação dos objetos que as crianças utilizam para cuidar do cabelo	2.1. Identifica corretamente 1 objeto	1	1
	2.2. Não identifica o objeto ou resposta incorrecta	0	
3. Identificação dos objetos que as crianças utilizam para lavar o corpo	3.1. Identifica corretamente 3 objetos	3	3
	3.2. Identifica corretamente 2 objetos	2	
	3.3. Identifica corretamente 1 objeto	1	
	3.4. Não identifica os objetos ou resposta incorreta	0	
4. Identificação dos objetos que as crianças utilizam para cuidar do corpo	4.1. Identifica corretamente 2 objetos	2	2
	4.2. Identifica corretamente 1 objeto	1	
	4.3. Não identifica os objetos ou resposta incorreta	0	
5. Motricidade fina	5.1. Pinta corretamente todas as imagens, respeitando as linhas de limite	2	2
	5.2. Pinta corretamente 5 ou mais imagens, respeitando as linhas de limite	1	
	5.3. Não pinta ou resposta incorrecta	0	
Total			10

3.3.3. Apresentação e análise de resultados



Figura 5 – Resultados da avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo

Esta atividade surgiu na sequência de um tema que abordei ao longo do dia que serviu para verificar se o grupo adquiriu os conhecimentos sobre o tema. A partir da leitura da grelha de avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo (ver anexo 2) e do gráfico acima representado (figura 5) referente à mesma, é possível verificar que a maioria das crianças adquiriu os conhecimentos: 33% (8 crianças) e 29% (7 crianças) obtiveram, respectivamente, Bom e Muito Bom.

Como foi referido anteriormente, após a análise dos resultados, verificou-se que a maioria das crianças atingiram, com sucesso, o pretendido porém, é também possível compreender que em 25 crianças apenas 5 não conseguiram atingir os objetivos desta forma, pelo que tem de se ter mais atenção às mesmas, pois podem não ter compreendido ou simplesmente não estavam tão dispostas à realização da proposta de trabalho.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 337), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades”.

3.4. Avaliação da atividade do domínio da Matemática

3.4.1. Contextualização da atividade

A atividade foi realizada na sala dos 3 anos, a 18 de 25 crianças e está inserida na área da Expressão e Comunicação, no Domínio da Matemática.

Esta atividade consistiu na seguinte proposta de trabalho: cada criança recebeu, como se pode verificar no anexo 3, uma folha, A4, plastificada, com uma tabela de dupla entrada e 18 imagens plastificadas com as cores do 1.º Dom de Froebel (6 estrelas, 6 foguetões e 6 astronautas).

O objetivo desta atividade era que as crianças, através das imagens plastificadas, preenchessem uma tabela de dupla entrada, tendo em conta as cores do material matemático. Inicialmente expliquei oralmente o pretendido porém, sendo crianças de 3 anos, mostrei os exemplos previamente construídos por mim.

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta atividade foram estipulados dois parâmetros de avaliação a seguir apresentados:

1. Identificação das cores: este parâmetro a avaliação consiste em avaliar se as crianças conheciam as cores do material matemático. Os critérios estabelecidos foram:
 - Identifica corretamente 6 cores;
 - Identifica corretamente 5 cores;
 - Identifica corretamente 4 cores;
 - Identifica corretamente 3 cores;
 - Identifica corretamente 2 cores;
 - Identifica corretamente 1 cor;
 - Não identifica ou resposta incorreta.
2. Motricidade Fina: neste parâmetro a finalidade foi verificar se as crianças colavam correctamente as imagens. Os critérios estabelecidos foram:
 - Cola corretamente as 6 cores;
 - Cola corretamente entre 4 a 5 cores;
 - Cola corretamente entre 2 a 3 cores;

- Cola corretamente 1 cor;
- Não cola ou resposta incorreta.

Quadro 12 – Parâmetros, critérios de avaliação e cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificação das cores	1.1. Identifica corretamente 6 cores	6	6
	1.2. Identifica correctamente 5 cores	5	
	1.3. Identifica corretamente 4 cores	4	
	1.4. Identifica corretamente 3 cores	3	
	1.5. Identifica corretamente 2 cores	2	
	1.6. Identifica corretamente 1 cor	1	
	1.7. Não identifica os objetos ou resposta incorreta	0	
2. Motricidade fina	2.1. Cola corretamente 6 cores	4	4
	2.2. Cola correctamente entre 3 a 5	3	
	2.3. Cola corretamente entre 2 a 3 cores	2	
	2.4. Cola correctamente 1 cor	1	
	2.5. Não cola ou resposta incorrecta	0	
Total			10

3.4.3. Apresentação e análise de resultados

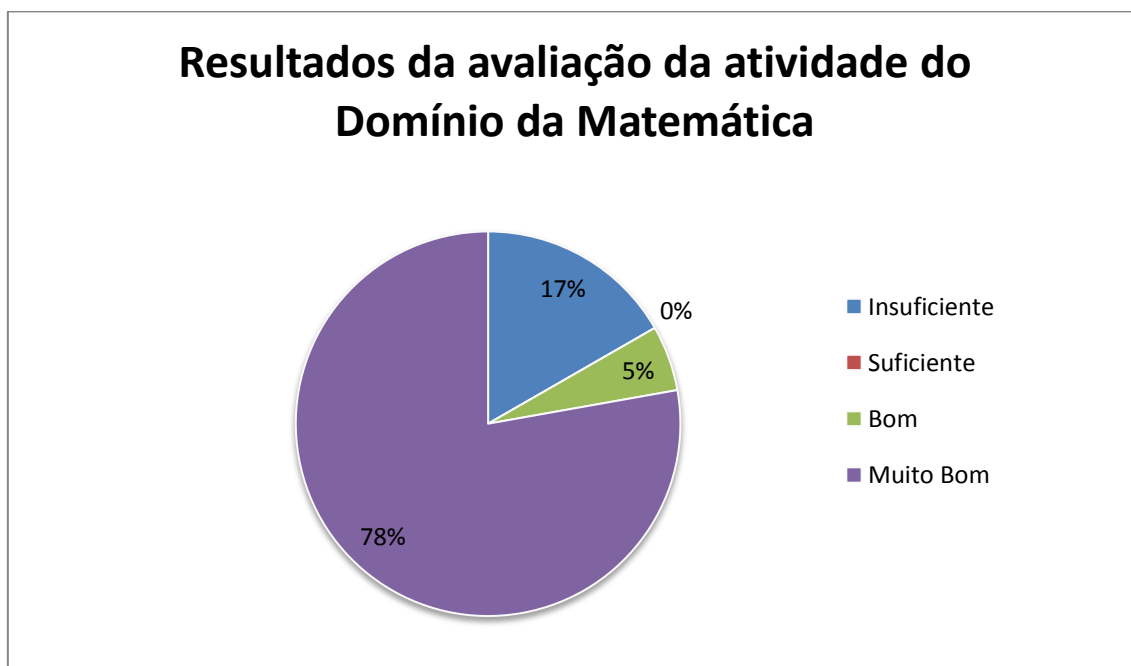


Figura 6 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática

A partir da leitura da grelha de avaliação desta atividade (Anexo 4) e do gráfico referente à mesma (figura 6), verifica-se a prevalência do número de crianças que obtiveram Muito Bom (78%). A percentagem mais baixa corresponde à avaliação de Insuficiente, equivalente a 17%, isto é, 3 em 18 crianças.

Para Leite e Fernandes (2002, p. 40), a avaliação é um procedimento que vai permitir “regular a própria atividade do professor, pois fornece informações sobre os efeitos do ensino e da sua organização e, ao mesmo tempo, favorece a incorporação atempada dessas informações na reformulação dos processos de aprendizagem”.

Com base nos resultados, verifico que a maioria do grupo apresenta uma avaliação de Muito Bom, o que pode ser justificado pela atividade ter sido realizada o início do segundo período, isto é, os conceitos já foram bem trabalhados e interiorizados no primeiro período.

Porém, algumas crianças ainda não adquiriram as competências deste modo, o educador deverá desenvolver estratégias para que todas as crianças aprendam os conceitos e atinjam os objetivos propostos.

3.5. Avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.5.1. Contextualização da atividade

A atividade realizada aconteceu no dia 19 de janeiro de 2018, com um grupo composto por 26 crianças com 5 anos de idade. Esta atividade está inserida no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

A atividade consistiu na seguinte proposta de trabalho: cada criança recebeu, como se pode verificar em anexo 5, uma folha, A4, com um quadrado com as seguintes letras “p”, “d”, “b”, e “q”.

O objetivo desta atividade era que as crianças identificassem as letras e pintassem consoante o código que estava indicado, e de seguida, realizassem a contagens das mesmas e escrevessem.

3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Quadro 13 – Parâmetros, critérios de avaliação e cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificação das letras “p”, “d”, “b”, “q”	1.1. Identifica correctamente 17 “p”	1	4
	1.2. Identifica correctamente 16 “d”	1	
	1.3. Identifica correctamente 15 “b”	1	
	1.4. Identifica correctamente 15 “q”	1	
	1.5. Não identifica correctamente ou resposta incorrecta	0	
2. Identificação de contagens das letras	2.1. Escreve o número correto de letras “p”	1	4
	2.2. Escreve o número correto	1	

	de letras “d”		
	2.3. Escreve o número correto de letras “b”	1	
	2.4. Escreve o número correto de letras “q”	1	
	2.5. Não escreve correctamente ou resposta incorrecta	0	
3. Motricidade fina	3.1. Pinta correctamente respeitando os contornos dos quadrados	2	2
	3.2. Não pinta correctamente ou resposta incorrecta	0	
Total			10

3.5.3. Apresentação e análise de resultados

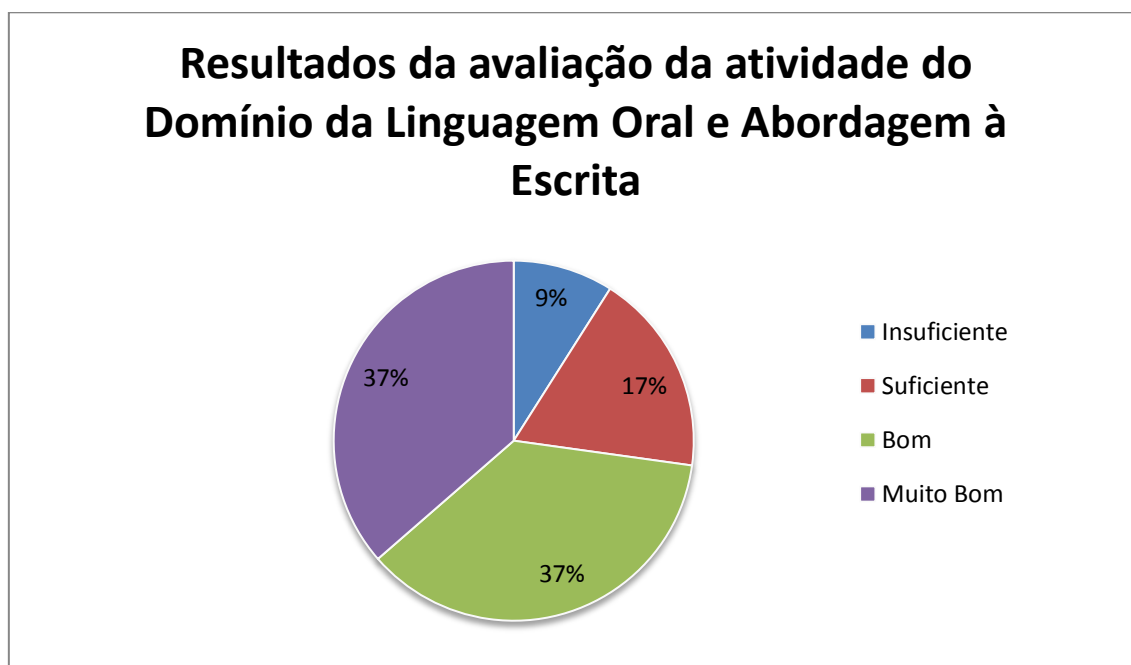


Figura 7 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

A partir da leitura da grelha de avaliação da atividade do Domínio Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Anexo 6) e do gráfico acima apresentado (figura 7)

referente à mesma, é evidente a prevalência do número de crianças que obtiveram Bom (37%) e Muito Bom (37%).

Segundo a Circular n.º 4 /DGIDC/DSDC/2011:

A avaliação formativa é um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo, incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspectiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da acção. Avaliar assenta na observação contínua dos progressos da criança, indispensável para a recolha de informação relevante, como forma de apoiar e sustentar a planificação e o reajustamento da acção educativa, tendo em vista a construção de novas aprendizagens. (p. 1)

Desta forma, é importante concluir que a avaliação deve de ser adequada a cada criança individualmente e implementada de forma formativa e de crescimento de aprendizagem e não como meio de obter uma classificação.

Em suma, a intenção da avaliação formativa consiste na verificação dos conhecimentos adquiridos por parte das crianças e dos educadores, isto porque, segundo Silva et al. (2016, p. 19), a avaliação vai permitir “a reflexão fundamentada do/a educador/a sobre a sua prática pedagógica e o modo como concretiza a sua intencionalidade”.

Capítulo 4 – Projeto “Dentes espectaculares depois de escovares”

4.1. Descrição do capítulo

Este projeto está dividido em diversas partes, entre elas a fundamentação teórica onde irei abordar a metodologia de trabalho de projeto bem como aspectos fundamentais sobre o tema em questão. Em seguida, segue-se o desenvolvimento do projeto onde serão apresentadas todas as etapas a ter em atenção para a realização do projeto. No final, serão apresentadas as considerações finais, isto é, a minha reflexão sobre a importância deste projeto.

4.2. Fundamentação teórica

O presente projeto tem como tema *Higiene Oral* que faz parte do currículo das escolas. Este tema é abordado, não só pela escola, como também pela família. Desta forma, sendo um tema com muita importância considerarei interessante integrar este tema no projeto ao qual me proponho a realizar.

De acordo com a Direção-Geral da Saúde (2005, p.2), “a promoção da saúde e prevenção de doenças, asseguradas pelas equipas de saúde escolar, são o suporte indispensável da intervenção curativa” deste modo, é importante referir que as escolas têm um papel importante no que toca à sensibilização das crianças para a saúde.

O projeto *Dentes espectaculares depois de escovares* tem como objetivo ajudá-las nesse papel fornecendo um kit para auxiliar a planificar e implementar a temática da promoção e educação para a saúde de forma a permitir que as crianças ganhem hábitos de higiene oral certos para uma excelente saúde oral.

Os conceitos de Saúde Oral podem ser reforçados nas diferentes áreas dos currículos escolares por isso, o *Projeto Dentes espectaculares* é um projeto interdisciplinar.

A higiene Oral é um processo que resulta da remoção eficaz dos restos dos alimentos que se encontram nos dentes desta forma, segundo a Direção-Geral da Saúde (2016), “a higiene oral é fundamental para a prevenção da cárie dentária e doenças da gengiva”. O cuidado diário deverá de ter em conta a escovagem correta dos dentes bem como o uso do fio dentário para preservar a nossa saúde oral.

Segundo a Direção-Geral de Saúde (2008, p. 3), a educação alimentar e a prática da higiene oral, através da escovagem dos dentes com um dentífrico, duas vezes por dia, inserem-se numa “estratégia 4 Estudo Nacional de Prevalência das Doenças Orais preventiva das doenças orais”.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, citada na Direção-Geral da Educação (<http://www.dge.mec.pt>), em 2020, haverá um maior reforço das ações de

promoção da saúde e da prevenção das doenças orais, bem como também um maior envolvimento dos profissionais de educação e saúde tanto dos serviços públicos como privados. Desta forma, foi criado o Programa Nacional da Saúde Oral que vai por em prática as acções referidas, anteriormente, pela OMS.

Uma questão muito importante e que damos essa noção às crianças é a importância dos dentes de leite que, de acordo com o médico-dentista Pedro Santos, referido em Porto Editora (<http://portoeditora.pt>), os dentes de leite são fundamentais “para a mastigar dos alimentos, auxiliar o crescimento e desenvolvimento adequado dos ossos e músculos da face, bem como para reservar espaço para os dentes permanentes”.

A dentição permanente é composta por 32 dentes (divididos igualmente na parte superior e inferior), que não são todos iguais e, por isso, são classificados de acordo com a posição e a função, isto é, o ser humano, na dentição permanente, segundo Almeida (2000) possui 8 dentes incisivos, 4 dentes caninos, 8 dentes pré-molares e 12 molares.

A principal função dos dentes é a mastigação dos alimentos. Porém, como referido anteriormente, os dentes tem várias funções tais como: cortar os alimentos (incisivos que se situam na parte da frente da boca), rasgar os alimentos (caninos que possuem um formato agudo e pontiagudo) e triturar os alimentos (pré-molares e molares que localizam-se no fundo da boca). Perante o senso comum, os fatores que vão influenciar uma boa higiene oral são:

- Escovagem dos dentes após as refeições, através de movimentos circulares;
- Escovagem da língua que também acumula restos de alimentos;
- Uso de fio dentário após as refeições e, de preferência, antes da escovagem dos dentes e da língua;
- Trocar as escovas de dentes de 3 em 3 meses;
- Evitar beber refrigerantes e evitar comer alimentos que contenham grande quantidade de açúcar, pois podem provocar cáries;
- Beber muita água, pois não só hidrata o nosso organismo como também ajuda na limpeza da boca, estimulando o fluxo salivar;
- Visitar o dentista de 6 em 6 meses mas caso apareça uma dor no dente ou alguma alteração na gengiva ou noutro local da boca.

4.3. Desenvolvimento do projeto

4.3.1. Problema

Qual a importância da Higiene Oral?

4.3.2. Problemas parcelares

O que é a higiene Oral?

Porquê lavar os dentes?

O que é preciso para lavar os dentes?

Como lavar os dentes?

Quando devo lavar os dentes?

Quais as vantagens da Higiene Oral diária e as desvantagens de uma má higiene Oral?

Qual a importância de uma visita regular ao dentista?

Quando se deve trocar a escova de dentes?

4.3.3. Destinatários

Este projeto destina-se a crianças em Educação Pré-Escolar com 5 anos de idade.

4.3.4. Entidades envolvidas

Para a realização deste projeto, conto com a ajuda da Direção da Escola, dos respectivos educadores, familiares bem como de dentistas e higienistas.

4.3.5. Motivação e negociação

Para que este projeto seja bem-sucedido, é necessário que as crianças estejam motivadas bem como saibam a importância da temática. Desta forma, será preciso criar diferentes estratégias tais como: visualização de pequenos vídeos, contar e dramatizar histórias, ouvir músicas e audicontos (anexo 7).

No exemplo de dramatização de histórias, podemos experimentar explorar as sensações de ver, ouvir, sentir e pensar por exemplo:

- ❖ Ouvir –Que música escutaste?
- ❖ Ver –Descreve um dos cenários que viste.
- ❖ Pensar –Identifica o pensamento ou ideia principal do espetáculo.

❖ Sentir – Que sentimento experimentaste?

4.3.6. Objetivos

○ **Gerais:**

- ✓ Promover a interdisciplinaridade;
- ✓ Sensibilizar as crianças para os problemas causados por uma má higiene oral;
- ✓ Incutir o espírito autónomo de cada criança a cuidar da sua saúde.

○ **Específicos**

- ✓ Apresentar os aspectos positivos e negativos da higiene oral;
- ✓ Sensibilizar para a importância de escovar os dentes;
- ✓ Boas práticas de forma a manter os dentes saudáveis;
- ✓ Como higienizar a boca.

4.3.7. Planeamento

1.ª Fase: “Desenho os meus dentes”

Nesta primeira fase, sendo o projeto iniciado no início do ano, começo por abordá-lo através da Área das Expressões, mais especificamente na área da Expressão Plástica.

Proponho às crianças que levem uma cartolina para casa onde, em conjunto com os familiares, têm representar a chegada dos primeiros dentes, de quando os primeiros dentes caíram e da escovagem dos seus dentes. De que forma? Cada um é livre de apresentar as repostas como quer, ou em fotografia, colagem de várias imagens, desenhos, escrita, etc. Após todas as crianças tenham apresentado a sua cartolina será criado um livro em grande.

O objetivo, ao realizar este trabalho, é não só introduzir a família neste projeto como também, depois das apresentações dos trabalhos das crianças, trabalhar conceitos como: importância dos dentes.

2.ª Fase: Conversar e decorar para sempre recordar

A escola organiza a visita de um higienista e de um dentista. Estes especialistas vêm sensibilizar as crianças para uma boa prática da higiene oral e

responder a possíveis questões. Nesta fase, é importante trabalhar o Domínio Oral, nomeadamente a formulação de questões aos especialistas.

Ainda nesta fase, no final da conversa com os especialistas, será entregue a cada criança um kit de escovagem de dentes. O kit é composto por um saco de pano que servirá para guardar uma escova e uma pasta de dentes. O saco de pano não estará identificado, pelo que cada criança terá de escrever o seu nome bem como decorar o kit à sua maneira de modo a identificar sempre o seu saco.

3.ª Fase: Escovar para ficar a brilhar

Nesta fase, as crianças, todos os dias, depois do almoço escovam os dentes na escola.

4.ª Fase: Chamada de escovagem

Todos os dias, após a escovagem dos dentes é realizada a “Chamada de escovagem”, ou seja, depois de todas as crianças estarem na sala, Começa-se por chamar o nome de cada criança que irá junto a um quadro de presenças colocar a sua fotografia. Ao finalizar a chamada é pedido a uma criança que diga quantas crianças estão presentes nesse dia e, por sua vez, escovaram os dentes e quantas estão ausentes. A educadora irá também registar numa tabela para que, no final de cada mês, seja feita a contagem das vezes que as crianças escovaram os dentes na escola, num mês.

Para que a estratégia não fosse sempre a mesma, seria possível, em certos dias, ser o(s) chefe(s) do dia a realizar essa chamada.

No final do projeto, corresponde ao final do ano escolar, será apresentado aos familiares, um gráfico de barras com a quantidade de vezes que as crianças escovaram os dentes ao longo de todo o projeto.

5.ª Fase: Dramatizar para explicar

Nesta fase, as crianças que fazem parte do projeto, apresentam a toda a comunidade escolar a história *O menino que detestava escovas de dentes* de Zehra Hicks com a finalidade de alertar toda a instituição para a boa prática da higiene oral.

6.º Fase: Dia de escola aberta

Nesta fase, a escola estará aberta para os familiares em que todos os trabalhos realizados nas fases anteriores estarão expostos para todos possam ver todo o trabalho realizado ao longo de todo o projeto.

4.3.8. Recursos

○ Materiais

- ✓ Cartolinas;
- ✓ Kit higiene oral: saco de pano, copo e escova e pasta de dentes;
- ✓ Materiais de expressão plástica;
- ✓ Dramatização da história: roupas, acessórios, microfones, colunas, rádio.

○ Humanos:

- ✓ Educadores titulares de turma;
- ✓ Familiares;
- ✓ Higienista e dentista.

4.3.9. Produtos finais

- ✓ Escovagem diária dos dentes, na escola;
- ✓ Dramatização de uma história O menino que detestava escovas de dentes de Zehra Hicks;
- ✓ Dia de escola aberta com a exposição de todos os trabalhos realizados com as crianças

4.3.10. Avaliação

○ Do processo

No final de cada fase, a avaliação vai decorrer através de conversas com as crianças bem o educador preenche uma tabela em conjunto com as crianças (anexo 8).

○ Do produto final

Todas as crianças levam para casa um inquérito para entregar aos pais, estes por sua vez terão de o responder (ver em anexo 9). No final do ano, haverá uma

exposição, um dia de escola aberta, com fotografias de todas as fases do projeto, o livro grande feito por todas as crianças e respectivas famílias. Neste dia, haverá uma caixa preta onde os pais colocam o inquérito que será anónimo.

4.3.11. Calendarização

Quadro 14 – Cronograma do projeto

	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J
Motivação e Negociação										
1.ª Fase – “Desenho os meus dentes”										
2.ª Fase – Conversar e decorar para sempre recordar										
3.ª Fase – Escovar para ficar a brilhar										
4.ª Fase – Chamada de escovagem										
5.ª Fase – Dramatizar para explicar										
6.ª Fase – Dia de escola aberta										
Avaliação										

4.4. Considerações finais do projeto

Após a realização do projeto Dentes espectaculares depois de escovares, reconheço que é um desafio para os professores porem em prática, visto que têm que ajustar o currículo de forma a conciliar todos os conteúdos a lecionar, ao mesmo tempo que o projeto se desenvolve.

Porém, considero que através da elaboração deste projeto, seja exequível motivar as crianças e prepará-las para os cuidados a ter com s higiene oral, isto porque é um tema que continua e continuará a ser atual e importante tendo em conta que está associado à higiene que é um bem que tem de ser sempre bem adquirido.

De acordo com Gambôa (2011, p. 57), “fatos e ideias, significados e símbolos, comportamentos e crenças são comunicados e transaccionados ao longo do processo” desta forma, este trabalho de projeto irá permitir uma sensibilização ao tema

para com as crianças e também a aquisição de conhecimentos, desenvolvimento de capacidades, competências, atitudes e valores.

Se todas as fases deste projeto forem concretizadas com sucesso, ficará evidenciado que as crianças se envolveram com gosto. A intervenção das crianças em qualquer projeto vai promover aprendizagens significativas, torna-se numa mais-valia para as mesmas. Isto porque promove o conhecimento acerca do tópico do projeto e a outras aprendizagens paralelas são realizadas.

O final deste projeto concretiza-se com um dia de escola aberta para demonstração de todas as atividades realizadas ao longo de todo o projeto e quando os pais respondem a um inquérito, para refletir sobre a importância do projeto. Assim sendo, esse inquérito servirá para os educadores analisarem e reflectirem os resultados obtidos.

Reflexão Final

1. Considerações finais

O estágio profissional, que é a base deste relatório, decorreu ao longo dos anos letivos de 2016/2017 e 2017/2018, com início a 11 de novembro de 2016 e final a 9 de fevereiro de 2018.

A Escola Superior de Educação João de Deus proporciona-nos muitas práticas no estágio profissional, quer ao longo da Licenciatura, quer do Mestrado. Na minha opinião, é um fator que contribui bastante para o nosso futuro profissional, isto porque, temos muitas oportunidades de observar diversos educadores e professores, bem como por em prática aquilo que fomos aprendendo nas diversas unidades curriculares.

Ao longo deste ano e meio de Mestrado, tive a oportunidade de estagiar em três escolas em Lisboa e, para mim, foi o melhor estágio que alguma vez realizei, uma vez que tive o privilégio de aprender com educadores experientes, observando estratégias diversificadas, diferentes materiais nas diversas áreas e a aquisição do conhecimento por parte das crianças, bem como a preocupação dos educadores para que isso pudesse acontecer através de atividades lúdicas, dinâmicas e desafiantes.

A teoria nem sempre corresponde à realidade, isto é, na ESE João de Deus, temos inúmeras unidades curriculares em que os professores nos dão informações e conselhos preciosos. Porém, na prática nem sempre corresponde, pois todas as crianças são diferentes e por consequência, reagem de forma diferentes, pelo que a realização dos estágios é fundamental neste aspeto.

Uma outra descoberta, obtida durante a realização dos estágios, foi que as diferentes faixas etárias (3, 4 e 5 anos) são totalmente diferentes e, como tal, todas as atividades, mesmo que tenha o mesmo tema, tem de ser planeadas com um grau de dificuldade completamente distinto.

Desta forma, os educadores têm como principal objetivo estimular e desenvolver as capacidades de aprendizagem das crianças. Porém, não basta apenas saber os conteúdos e aplicá-los, é necessário que os educadores saibam lidar com as crianças e que promovam regras, valores, atitudes e criem ambientes propícios para o seu crescimento harmonioso.

Através da prática pedagógica, realizamos atividades em que colocamos em prática estratégias, técnicas e materiais que aprendemos com as educadoras, ganhamos experiência de ficar responsável por um grupo de crianças meia hora, uma

hora ou um dia e aprendemos ainda a saber reagir a determinadas situações que possam surgir e que tenhamos que responder.

A elaboração de uma atividade tem um grande trabalho anterior, isto é, quando optamos por realizar uma tarefa para determinado grupo de crianças temos que seguir diferentes fases, tais como: escolher o tema que desejamos abordar; os objetivos que temos para a atividade; os conteúdos que pretendemos desenvolver; aquilo que pretendemos que as crianças adquiram; os materiais pedagógicos que vamos utilizar bem como as estratégias. Após todos estes passos, é necessário realizar a planificação da atividade bem como a avaliação, pois, após a sua realização, pretendemos saber se os conhecimentos foram ou não adquiridos.

Após seguirmos todas estas fases, é o momento de colocarmos a atividade em prática e, no final, junto da educadora e/ou da equipa da prática pedagógica, verificamos se explicámos bem os conteúdos, se a nossa postura, estratégias e materiais foram adequados à atividade, bem como aplicável ao grupo, isto porque para qualquer estagiária é importante ter a opinião da atividade realizada para poder melhorar. Para além do *feedback*, é necessário que a relação entre a educadora e equipa da prática pedagógica perante a estagiária seja boa, de forma a que a partilha e interajuda seja de acordo com as necessidades. Durão e Almeida (2016) afirmam:

A relação interpessoal entre o supervisor pedagógico e o aluno estagiário é determinante do sucesso ou insucesso da prática de supervisão. Assim, o tempo destinado à construção de uma relação interpessoal positiva é tão ou mais importante, que o tempo dedicado a objetivos de natureza científica e pedagógica. (p. 80)

Considero importante referir que no final do estágio profissional III, realizei a minha última aula avaliada pela equipa da prática pedagógica, e foi perceptível, tanto por mim como pelas críticas, que, apesar de ter ocorrido algumas falhas, o que acho perfeitamente normal, tendo em conta que não tenho experiência profissional, também tive muitos momentos positivos, sentindo que cresci profissionalmente ao longo de todos os estágios, bem como ao longo das atividades que realizei.

O presente trabalho tem como objetivo o relato e a reflexão do estágio realizado ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Tendo em conta o objetivo deste relatório, pude investigar e estudar diversos temas relacionados com a prática docente possibilitando-me uma outra forma de olhar e pensar da profissão de Educadora de Infância. Os estágios realizados ao longo de todo o Mestrado foram a fonte empírica para a realização deste relatório, porque, para além de aprendermos, conhecermos novas práticas e refletirmos sobre elas, planificarmos atividades e

avaliarmos os conhecimentos adquiridos, transpusemos em narrativas com inferências e fundamentação teórica.

Por fim, acho pertinente referir que, ao longo do novo caminho na área da docência que vou percorrer, tenho noção que irei continuar a aprender muito, isto porque a nossa profissão não consiste apenas por ensinar novos conteúdos, pois em cada ano letivo vão existir novas crianças, novos desafios, diferentes estratégias e métodos de ensino, e cabe a nós, enquanto educadoras, sabermos adaptar-nos às mudanças que vão surgindo.

2. Limitações

A realização do Relatório de Estágio Profissional ajudou-me essencialmente a transpor, através da escrita, tudo aquilo que observei e experimentei. A maior dificuldade que senti ao realizar este relatório foi na fundamentação teórica, isto porque, nem sempre foi possível encontrar os autores/livros de modo a fundamentar determinados assuntos que pretendia.

O tempo dedicado à realização do relatório foi outra limitação que considero importante, pois a formação na área da docência exige muitas horas de empenho e dedicação. Temos que nos manter concentradas e focadas nas unidades curriculares da ESE João de Deus e nas atividades que realizamos com as crianças, onde investimos mais tempo na preparação da mesma, bem como na execução dos materiais que utilizaremos nas atividades, restando assim pouco tempo para a elaboração do Relatório de Estágio Profissional.

3. Novas pesquisas

Ao longo da nossa vida, vamos estar sempre em constante aprendizagem e crescimento tanto a nível pessoal como profissional: Desta forma, tenciono concretizar atividades lúdicas e pedagógicas para que as crianças não percam a vontade de aprender.

Para além dos objetivos descritos anteriormente, pretendo, mais tarde, frequentar o Mestrado em Educação Especial, pois apesar de se tornar uma mais-valia para mim, quando educadora de infância, é uma área que me fascinou bastante após realizar estágios que incluíam crianças com necessidades educativas especiais.

Referências bibliográficas

- Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância – atividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa – letras.
- Alves, M. P. C. (2004). *Currículo e avaliação. Uma perspectiva integrada*. Porto: Porto Editora.
- Araujo, E. S. (2007). *O projeto de matemática como (des) encadeador da formação docente*. In M. Migueis & M. Azevedo (Orgs). *Educação matemática na infância: abordagens e desafios*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bessa, M. (1972). *Artes plásticas entre as crianças*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Campagnolo, H. (1979). *João de Deus – Pedagogo moderno*. Lisboa: Museu João de Deus.
- Cardinet, J. (1993). *Avaliar é medir?* Porto: Edições ASA.
- Carvalho, I., & Nunes, L. (2012). *Referencial de educação rodoviária para a educação pré-escolar e o ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência – Direção Geral da Educação. Retirado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/referencial_edu_rod_epe_eb_2012.pdf
- Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2001, de 11 de abril (Avaliação na Educação Pré-Escolar).
- Costa, H. M. (2016). *Relação família – escola: um olhar de ecologia humana entre o ensino público e o privado*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- Dias, A. C. M. (2012). *Relatório de estágio profissional*. Escola Superior de Educação João de Deus. Retirado de https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2328/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Est%C3%A1gio%20Profissional_Ana%20Dias.pdf

- Diniz, M. A. S. (2001). *As fadas não foram à escola*. Porto: Edições ASA.
- Direção-Geral da Saúde (2008). *Estudo nacional de prevalência das doenças orais*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Direção-Geral da Saúde. (2016). Higiene Oral. Retirado de de <https://www.dgs.pt/saude-a-a-z.aspx?v=8e00381f-52ce-45fb-b5a0-35fe84fa926a#saude-de-a-a-z/higiene-oral>
- Direção-Geral da Educação (s.d). *Saúde oral*. Recuperado de <http://www.dge.mec.pt/saude-oral>
- Durão, R., & Almeida, J. M. (2017). Alunos estagiários da formação inicial – Uma proposta de guião orientador. In *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 70-89.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação – O papel dos professores*. Barcarena: Editorial Presença.
- Fernandes, M. (2002). *Métodos de avaliação pedagógica*. In P. Abrantes & F. Araújo (Coord). *Avaliação das aprendizagens: das conceções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ferreira, C. C. A (2011). *O uso de materiais manipuláveis estruturados na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Relatório de estágio. Retirado de <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1533/4/DissertMestradoCristinaCabralAlmeidaFerreira2012.pdf>
- Gambôa, R. (2011). *Pedagogia em participação: trabalho de projeto*. In J. Oliveira-Formosinho e R. Gambôa (Orgs.). *O trabalho de projeto na pedagogia em participação*. (pp. 47 – 77). Porto: Porto Editora.
- Godinho, J. C., & Brito, M. J. N. (2010). *As artes no jardim-de-infância: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direção Geral de Educação – Ministério da Educação.
- Leite, C., & Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.

Lima, M. J. (2012, dezembro). (Re)inventar o natal no jardim de infância. Retirado de <https://www.portoeditora.pt/espacoprofessor/paginas-especiais/educacao-pre-escolar/opiniao-pre/reinventar-natal>

Lopes, J. A. (coord.). (2006). Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância. Porto: Edições ASA.

Machado, E. A., Alves, M. P., & Gonçalves, F. R. (2011). *Observar e avaliar as práticas docentes*. Santo Tirso: De Facto Editores.

Magalhães, V. (2008). *A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder*. In O. Sousa & A. Cardoso (Eds.). *Desenvolver competências em 76 língua portuguesa*. (pp. 55 – 73). Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Martins, M. I. (coord). Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F., & Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a ciência, atividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Direção Geral de Educação – Ministério da Educação.

Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular – Ministério da Educação.

Mestre, V. A.P. (2013). Relatório de estágio profissional. Escola Superior de Educação João de Deus. Retirado de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5050/1/TeseVanessaMestre.pdf>

Moura, M. O. (2007). *Matemática na infância*. In M. Migueis & M. Azevedo (Orgs). *Educação matemática na infância: abordagens e desafios*. (pp. 39 – 65). Vila Nova de Gaia: Gailivro.

Morgado, J. (1997). *A relação pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença.

PORTUGAL. Direção Geral de Saúde – *Circular Normativa n.º 01/DSE. 2005-01-18*. Programa Nacional de promoção da Saúde Oral. Retirado de <https://www.ond.pt/pnpso/chequedentista/legislacao/dgs-circular-normativa-01dse-2005.pdf>

Porto Editora (2005). *Saúde oral na Infância*. Retirado de https://www.portoeditora.pt/espacoprofessor/assets/especiais/ed_preescolar/ImagensMarco2017/artigo0317.pdf

Post, J., & Hohmann, M. (2003). *Educação de bebés em infantários. Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rodrigues, P. (1993). *A avaliação curricular*. In A. Estrela, & A. Nóvoa (org). *Avaliações em educação: Novas perspectivas*. (pp. 15 – 77). Porto: Porto Editora.

Ruivo, I. (2006). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. Braga: Universidade de Minho.

Ruivo, I. (2009). Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus (Dissertação de Doutoramento). Universidad de Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación. Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura.

Sá, J. G. (1994). *Renovar as práticas no 1.º ciclo pela via das ciências da natureza*. Porto: Porto Editora.

Silva, I. L. (coord). Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Direção Geral de Educação – Ministério da Educação.

Silva, H. S., & Lopes, J. (2015). *Eu, professor, pergunto. 20 respostas sobre planificação do ensino-aprendizagem, estratégias de ensino e avaliação*. Lisboa: Pactor.

Smole, K. C. S. (2003). *A matemática na educação infantil: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar*. Porto Alegre: Artmed.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Thouin, M. (2010.) *Despertar as crianças para as ciências e as tecnologias: experiências para crianças dos 3 aos 7 anos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Tralha, A. R. L. (2012). Relatório de estágio profissional. Escola Superior de Educação João de Deus. Retirado de <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2507/1/AnaTralha.pdf>

Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem*. Porto: ASA Editores.

Young, C. (2009). *Entreter e educar crianças*. Porto: Porto Editora.

Zabalza, M. A. (1994). Planificação e desenvolvimento curricular na escola. Rio Tinto: Edições Asa.

Zabalza, M. A. (1987). *Didática da educação infantil*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Anexos

Anexo 1 – proposta de atividade da Área de Conhecimento do Mundo

Jardim escola João de Deus de Alvalade

1. Pinta com a cor:



— os objetos que utilizam para lavar os dentes.



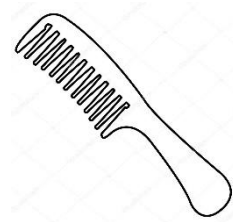
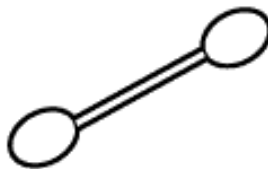
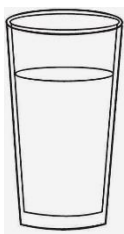
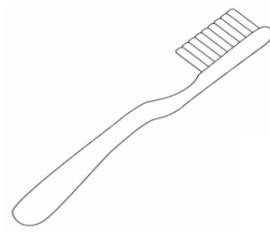
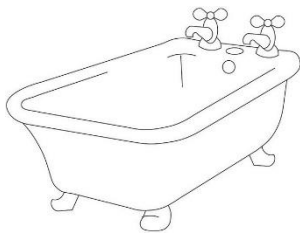
— os objetos que utilizam para cuidar do cabelo



— os objetos que utilizam para lavar o corpo.



— os objetos que utilizam para cuidar do corpo.



Nome: _____

Data: _____

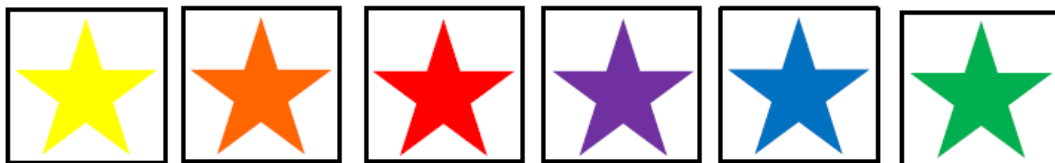
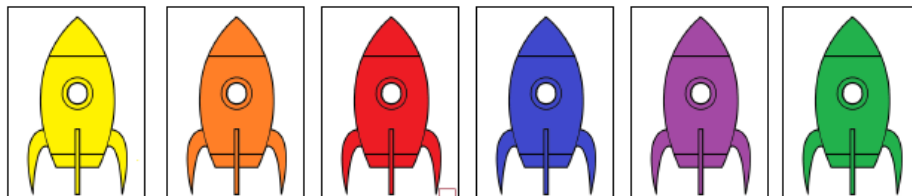
Anexo 2 – Grelha de avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	1. Identificação dos objetos que as crianças utilizam para lavar os dentes			2. Identificação dos objetos que as crianças utilizam para cuidar do cabelo		3. Identificação dos objetos que as crianças utilizam para lavar do corpo				4. Identificação dos objetos que as crianças utilizam para cuidar do corpo				5. Motricidade fina			Total
	1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	3.1	3.2	3.3	3.4	4.1	4.2	4.3	5.1	5.2	5.3		
Critérios	2	1	0	1	0	3	2	1	0	2	1	0	2	1	0		
Cotações																	
Alunos																	
1	2	-	-	1	-	3	-	-	-	2	-	-	-	1	-	9	
2	2	-	-	1	-	3	-	-	-	2	-	-	-	1	-	9	
3	2	-	-	1	-	3	-	-	-	2	-	-	-	1	-	9	
4	2	-	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	0	7	
5	-	1	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	0	5	
6	-	1	-	1	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-	0	7	
7	2	-	-	-	0	-	2	-	-	-	-	0	-	-	0	4	
8	-	1	-	-	0	-	-	1	-	-	-	0	-	-	0	2	
9	2	-	-	1	-	3	-	-	-	2	-	-	-	1	-	9	
10	-	1	-	-	0	-	-	1	-	-	-	0	-	-	0	2	
11	-	1	-	1	-	3	-	-	-	-	1	-	-	1	-	7	
12	-	1	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	-	1	-	6	
13	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	0	-	-	0	3	
14	2	-	-	1	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-	0	8	
15	2	-	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	-	1	-	8	
16	-	1	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	0	6	
17	-	1	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	2	-	-	7	
18	-	1	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	0	5	
19	-	1	-	1	-	-	2	-	-	-	-	0	-	-	0	4	
20	2	-	-	1	-	3	-	-	-	-	1	-	2	-	-	9	
21	-	1	-	-	0	-	-	1	-	-	1	-	-	-	0	3	
22	2	-	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	0	6	
23	-	1	-	1	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-	0	7	
24	-	1	-	-	0	-	-	1	-	-	-	0	-	1	-	3	

Anexo 3 – Proposta de atividade do Domínio da Matemática

Proposta de trabalho realizada pela estagiária Patrícia Fonseca do Mestrado em Educação Pré-Escolar



**Anexo 4 – Grelha de avaliação da atividade do Domínio
da Matemática**

Parâmetros	1. Identificação das cores							2. Motricidade fina					total
critérios	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	1.5.	1.6.	1.7.	2.1.	2.2.	2.3.	2.4.	2.5.	
	6	5	4	3	2	1	0	4	3	2	1	0	
cotação	6	5	4	3	2	1	0	4	3	2	1	0	
alunos													
1	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
2	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
3	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
4	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
5	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
6	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
7	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
8	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
9	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
10	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0
11	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	2
12	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
13	6	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	9
14	6	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	10
15	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	6
16	6	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	8
17	6	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	8
18	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0

Anexo 5 – Proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-Escola João de Deus de Alvalade

Nome: _____ Data: _____

1. Pinta as letras de acordo com o código de cores:

p



d



b



q



p	q	q	b	d	p	q	b
d	q	p	b	d	p	q	d
d	b	p	q	b	p	d	d
b	p	q	q	p	d	b	b
d	p	b	q	q	p	b	d
p	b	q	q	p	p	d	b
d	p	b	d	q	p	d	b
q	q	p	b	d	d	b	p

2. Escreve o número de letras que encontraste:

p

d

b

q

Anexo 6 – Grelha de avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem á Escrita

Parâmetros	1. Identificação de contagens das letras						2. Identificação de contagens das letras						3. Motricidade fina		Total
	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	1.5.		2.1.	2.2.	2.3.	2.4.	2.5.		3.1.	3.2.	
critérios	1	1	1	1	0		1	1	1	1	0		2	0	10
cotação	1	1	1	1	0		1	1	1	1	0		2	0	
alunos															
1	1	-	1	1	-		1	1	-	-	-		2	-	7
2	1	1	1	1	-		-	1	-	1	-		2	-	8
3	1	1	1	1	-		-	-	-	1	-		2	-	7
4	1	1	1	1	-		1	1	-	-	-		2	-	8
5	1	1	1	1	-		1	1	-	-	-		-	0	5
6	1	1	1	1	-		1	1	1	1	-		2	-	10
7	1	1	1	1	-		1	-	-	-	-		2	-	7
8	1	1	1	1	-		1	-	1	1	-		2	-	9
9	1	1	1	-	-		1	1	1	-	-		-	0	6
10	1	1	1	1	-		1	1	-	-	-		2	-	8
11	1	1	1	1	-		1	1	-	-	-		2	-	8
12	1	1	1	1	-		1	1	-	-	-		-	0	6
13	1	1	-	1	-		-	-	1	-	-		-	0	4
14	1	1	1	1	-		-	-	-	-	0		2	-	6
15	1	1	1	-	-		-	-	-	-	0		2	-	5
16	1	1	1	1	-		-	-	-	-	0		-	0	4
17	1	1	1	1	-		1	-	1	1	-		2	-	9
18	-	1	-	-	-		1	1	-	1	-		-	0	2
19	1	1	1	1	-		-	1	-	1	-		2	-	8
20	1	1	-	1	-		1	1	-	-	-		2	-	7
21	-	1	-	-	-		1	1	-	-	-		-	0	3
22	1	1	1	-	-		1	1	1	-	-		-	0	6

Anexo 7 – Exemplos de estratégias de motivação do projeto (vídeos, histórias, músicas e audiocontos)

músicas	Histórias	audicontos	Vídeos
<i>Um copo com água</i>	<i>Os crocodilos não lavam os dentes de Colin Fancy*</i>	<i>O dente branquinho e a escova rabina</i>	<i>A escovagem é importante! A escovagem é fixe!</i>
Lavo os dentinhos	<i>O menino que detestava escovas de dentes de Zehra Hicks*</i>		<i>Colgate – A lenda do reino dos dentes</i>
Escovar os dentes	<i>Kiko, o dentinho de leite de Manuela Mota Ribeiro*</i>		
Escovar bem os dentes	<i>Dr. Dentuças e a Turma do Zequinha de Susana Falardo Ramos</i>		
	<i>O livro dos dentes de Hugo Madeira</i>		

*Livros que fazem parte do Plano Nacional de leitura

Anexo 8 – Tabela de avaliação do processo do projeto

Nome da criança	Opinião da Criança (ver legenda)

Gostei muito	
Gostei pouco	
Não gostei	

Anexo 9 – Inquérito de avaliação aos pais sobre o produto final do projeto

Coloque uma X na resposta que seja pertinente.

1. O seu filho alguma vez falou do projeto da escovagem dos dentes?

Sim

Não

2. Considera importante o facto de o seu filho ter uma escova na escola para realizar a escovagem dos dentes?

Sim

Não

3. Considera que este projeto melhorou o hábito de higiene oral do seu filho?

Sim

Não

4. Considera importante o seu filho participar neste género de projetos?

Sim

Não

5. Considera importante a família, de certa forma, participar no projeto?

Sim

Não
